



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

MARIA FERNANDA DE MELO

RELATÓRIO TÉCNICO DE TCC PRÁTICO
DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL

**IR E VIR: FLUXOS E DILEMAS DA JUVENTUDE
DO ASSENTAMENTO MENINO JESUS, EM CHOROZINHO (CE)**

FORTALEZA

2025

MARIA FERNANDA DE MELO

IR E VIR: FLUXOS E DILEMAS DA JUVENTUDE
DO ASSENTAMENTO MENINO JESUS, EM CHOROZINHO CE)

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Curso de Jornalismo do Instituto de Arte e
Cultura da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profº. Dr. Robson da Silva Braga

FORTALEZA

2025

MARIA FERNANDA DE MELO

IR E VIR: FLUXOS E DILEMAS DA JUVENTUDE
DO ASSENTAMENTO MENINO JESUS, EM CHOROZINHO CE)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Arte e Cultura da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Robson da Silva Braga (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Rosane da Silva Nunes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Kamila Bossato Fernandes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA

2025

À Lázara Maria da
Silva, minha bisavó,
que mesmo sem leitura
e escrita, fez perguntas.
E seguiu as próprias
respostas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à tríade de mulheres da minha família que sempre colocaram o meu estudo em primeiro lugar: minha mãe, Priscila Silva, minha avó, Maria Aparecida da Silva, e minha madrinha, Cleusa Silva. Os caminhos que eu escolhi, e sigo escolhendo, são porque tenho a certeza de que vocês estarão lá, celebrando comigo - ou me esperando voltar para a casa, mesmo se tudo não fizer mais sentido. Eu as amo infinitamente. E agradeço por “depois de muito sol, fazerem-me caminhar sob a sombra”.

Agradeço ao meu *padrasto*, Eliseu, por, anos depois, ensinar-me sobre sabedoria, confiança e segurança, principalmente quando me empresta seu chinelo gigante. Aos meus irmãos Luiz Carlo e Luis Filipi, por me ensinarem sobre amor ao me deixarem descansar minha perna na de vocês; à Kamilla, por ouvir angústias que eu não sabia nomear. À Pezzuto, por todas as pipocas e risos. Aos meus amigos de ensino médio, Andressa Lima e Gabriel Cardoso: saber que posso acompanhar e encontrar vocês ainda me tira sorrisos despretensiosos.

Agradeço ao meu orientador, Robson, por todo o tempo de escuta e diálogo. Para além de um trabalho acadêmico, pude aprender com você sobre “dar tempo ao tempo”. Além disso, registro meu carinho aos professores da Universidade Federal do Ceará, em especial à Rosane, que me mostrou caminhos iluminados no jornalismo.

Comecei este curso na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e, dois anos depois, fui aprovada no processo de transferência para a UFC. Contudo, jamais esqueceria a UFRN. Agradeço aos meus colegas e professores desta universidade; tenho memórias repletas de afeto com vocês.

A universidade me apresentou diversos mundos, e pequenos universos, chamo eles de amizades. Agradeço a vocês: Gabriel, por ser e me mostrar o que é serenidade; Júlia, por me ensinar sobre os detalhes da vida; Nágyla, por me mostrar um mundo diferente do meu, com paciência e amor. Aos meus queridos Adriele, Berg, Bernardo, Ezequiel, Fabíola e Rogeslane, agradeço por não terem me deixado, mesmo quando tinham todos os motivos para isso. Cada barzinho e praia com vocês me fizeram atravessar momentos sombrios.

Agradeço, ainda, ao Buccarini, por me mostrar que tudo bem amar no meio-termo, e que talvez todos tenhamos nossas inquietudes e espólios. Às minhas amigas do surf, Ana Alice Freire e Maria Clara, por compartilharem comigo essa paixão e muitas outras

perspectivas de vida. A todos os cuiders, por seguirem acreditando nesse projeto e por toda a compreensão que tiveram comigo neste último semestre.

Agradeço, ainda, ao meu pai e a toda a minha família paterna: Luciana, Marcelus, Mônica, Vó Lili, meus tios e primos. *In memoriam* ao meu avô materno, Francisco das Chagas, feirante, e ao meu avô paterno, Jonathan Mello, que, após sua morte, descobri ser jornalista. Cruzei uma linha de chegada, e adoraria ter fotos vestida de beca com vocês. Sinto saudades, do que vivemos e do que não poderemos viver.

Todos aqueles que estiveram comigo e com a minha família, ao longo desses cinco anos, torcendo, apoiando, vibrando e acreditando que um dia, eu realizaria esse sonho, do fundo do meu coração: muito obrigada.

Ao Grupo de Interesse Ambiental, em nome de Cláudia, Letícia e Pedro Henrique. Agradeço, ainda, a todos os jovens que me acolheram no Assentamento Menino Jesus para que eu pudesse realizar o meu trabalho: Ana Kelly, João Victor, Lairton, Mika, e aos agricultores, Dedé, Munda e José.

Deixo, por fim, um generoso agradecimento a todos os lugares e profissionais que conheci nos meus inúmeros estágios e trabalhos durante a faculdade, em especial aos jornalistas, técnicos e voluntários com quem trabalhei na Rádio Universitária FM e no Grupo Cidade de Comunicação.

Como bem disse Miley Cyrus, em sua icônica personagem Hannah Montana: sempre terá uma nova montanha. Posso descansar e celebrar essa conquista, mas que eu não perca a próxima escalada de vista. Para a Maria de seis anos, com uma boneca rasgada na mão e o cabelo cacheado totalmente fora de controle: realizamos um sonho, e cuidarei para que possamos realizar os próximos. Amo você. Ah, e podemos ir surfar.

RESUMO

Este relatório técnico apresenta o processo de confecção do documentário “Ir e Vir: fluxos e dilemas da juventude do assentamento Menino Jesus, em Chorozinho (CE)”, desde as etapas de apuração até a finalização do produto audiovisual. A partir de uma abordagem jornalística, o documentário acompanha os relatos de Lairton Santiago, jovem filho de assentados que atualmente trabalha em uma fábrica de sapatos em uma cidade vizinha, Horizonte. O documentário se volta à sua história como ponto de partida para refletir sobre os sentidos de permanência, saída e pertencimento a assentamentos rurais, no contexto da juventude do campo. Para embasar essas reflexões, foi realizada uma pesquisa de campo de caráter quantitativo com 25 jovens (19 homens e 6 mulheres) do assentamento Menino Jesus, o que permitiu mapear perfis, percepções e intenções de permanência ou êxodo desse grupo, fornecendo dados para as escolhas narrativas da produção. O assentamento, localizado entre os municípios de Cascavel e Chorozinho (CE), é um território marcado por conquistas populares, mas também por desafios estruturais e socioeconômicos que afetam diretamente a juventude local. Por meio de entrevistas, do registro audiovisual e da fundamentação teórica, o trabalho investiga os fatores que conformam o êxodo rural juvenil, bem como as ausências e fragilidades das políticas públicas voltadas à permanência digna dessa juventude no campo. Além dos depoimentos de Lairton, de sua mãe e de seu pai, o produto apresenta declarações de representantes do Instituto do Desenvolvimento Agrário do Ceará (Idace), do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra/CE) e de duas pesquisadoras que debatem juventude rural e assentamentos rurais. O documentário propõe-se, assim, como instrumento de escuta, de reflexão e de valorização das experiências juvenis, articulando imagens, sons e narrativas que evidenciam as contradições, os desejos e as potências de viver (ou não) no espaço rural.

Palavras-chave: juventude do campo; assentamento rural; reforma agrária; êxodo rural; documentário.

ABSTRACT

This technical report presents the production process of the documentary “Coming and Going: Flows and Dilemmas of the Youth of the Menino Jesus Settlement, in Chorozinho (CE)”, from the research stages to the finalization of the audiovisual product. Using a journalistic approach, the documentary follows the stories of Lairton Santiago, a young son of settlers who currently works in a shoe factory in the neighboring city of Horizonte. The documentary uses his story as a starting point for reflecting on the meanings of permanence, departure, and belonging in rural settlements, in the context of rural youth. To inform these reflections, quantitative field research was conducted with 25 young people (19 men and 6 women) from the Menino Jesus settlement, which allowed for mapping the profiles, perceptions, and intentions of permanence or exodus of this group, providing data for the production's narrative choices. The settlement, located between the municipalities of Cascavel and Chorozinho (CE), is a territory marked by popular achievements, but also by structural and socioeconomic challenges that directly affect local youth. Through interviews, audiovisual recordings, and theoretical foundations, the work investigates the factors that shape the rural youth exodus, as well as the absences and weaknesses of public policies aimed at ensuring the dignified permanence of these youth in rural areas. In addition to testimonies from Lairton, his mother, and his father, the work features statements from representatives of the Ceará Institute for Agrarian Development (Idace), the National Institute for Colonization and Agrarian Reform (Incra/CE), and two researchers who discuss rural youth and rural settlements. The documentary thus proposes itself as a tool for listening, reflecting, and valuing youth experiences, articulating images, sounds, and narratives that highlight the contradictions, desires, and potential of living (or not) in rural areas.

Keywords: rural youth; rural settlement; agrarian reform; rural exodus; documentary.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Objeto.....	10
3. Objetivos.....	11
3.1. Objetivo geral.....	11
3.2 Objetivos específicos.....	11
4. Problema de pesquisa.....	12
5. Justificativa.....	13
6. Contexto.....	15
7. Referencial teórico.....	16
8. Metodologia.....	18
8.1. Pesquisa de campo.....	19
8.2. Documentário.....	22
9. Produção e Apuração.....	24
10. Roteiro e Edição.....	25
11. Trilha sonora.....	26
Considerações finais.....	27
Referências	29
ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO EM PESQUISA DE CAMPO.....	31
ANEXO 2 - ROTEIRO SEMI ESTRUTURADO DE ENTREVISTAS.....	36
ANEXO 3 - ROTEIRO DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL.....	38

1 INTRODUÇÃO

A juventude rural brasileira tem sido atravessada, nas últimas décadas, por deslocamentos não apenas geográficos, mas simbólicos, culturais e políticos. O capitalismo, suas transformações econômicas e sociais, e a lógica de concentração fundiária no país têm produzido efeitos significativos sobre o campo e, de modo particular, sobre os jovens que ali vivem.

Conforme aponta Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2001, p. 187-188), “o desenvolvimento capitalista que concentra a terra, concomitantemente, empurra uma parcela cada vez maior da população para as áreas urbanas [...]. A eles [jovens] caberá apenas um caminho: a estrada. A estrada que os levará à cidade, ou a estrada que os levará à luta pela reconquista da terra”.

O ponto de partida para a construção desta produção surgiu de maneira imprevisível, a partir de uma primeira visita que realizei ao assentamento por meio do projeto de extensão Cuida, Criatura!. Na ocasião, fomos convidados pelo Grupo de Interesse Ambiental (GIA) a conhecer e vivenciar um final de semana no local. Compareci como representante do Cuida, com o intuito de participar da experiência e dialogar com seus moradores. Durante as conversas estabelecidas com os jovens, emergiu uma inquietação: por que eles realizam, de forma tão recorrente, movimentos de ida e vinda do assentamento? Alguns residem ali, mas trabalham ou estudam fora; outros, permanecem no local, mas manifestam o desejo de sair. Essa percepção inicial tornou-se a semente de toda a pesquisa e do próprio documentário.

Este trabalho parte da observação desse movimento no assentamento Menino Jesus, que também sinalizamos como AMJ, localizado no município de Chorozinho, no Ceará, espaço construído por meio da luta popular pela terra. O documentário “Ir e Vir: Fluxos e Dilemas da Juventude do assentamento Menino Jesus, em Chorozinho (CE)” acompanha a trajetória de Lairton Santiago Silva, um jovem que chegou ao assentamento aos três anos de idade, cresceu ali, mas que, na vida adulta, decidiu sair para trabalhar em uma fábrica.

A escolha por esse personagem centraliza uma tensão simbólica e concreta entre dois mundos: o campo da reforma agrária e o universo industrial urbano. A partir de sua história, buscam-se compreender as motivações que levam jovens a permanecer, sair ou oscilar entre esses espaços.

Uma das reflexões que surgem a partir do campo empírico e do diálogo com os autores diz respeito à forma como a juventude rural, ao longo dos anos, tem sido submetida a uma forma de violência que vai além da violência física que historicamente marca a luta pela

terra. No contexto atual, sobretudo no que diz respeito à juventude, ao meu ver, manifesta-se uma violência simbólica que mina as possibilidades de construção de vida digna no campo.

Segundo Bourdieu (*apud* Vasconcellos, 2002), a violência simbólica se estabelece quando representações dominantes passam a ser naturalizadas pelos indivíduos, operando com sutileza por meio das instituições e do discurso hegemônico. Ela se expressa, por exemplo, na ideia de que viver bem exige sair do campo e se adequar aos modelos urbanos de sucesso e realização.

Nesse sentido, o documentário propõe um deslocamento de perspectiva: será que o campo ainda pode ser lugar de sonho, de projeto de vida, de pertencimento? Ser jovem no meio rural não implica automaticamente uma negação de futuro. Como lembra Peripolli (2011, p. 84), “simplesmente são jovens e, como tal, sonham com um presente e um futuro onde possam viver com dignidade; trabalhar; construir uma família – serem felizes”. Entretanto, como reforça Anita Brumer (2007, p. 36), “a mudança comportamental tem assento em mudanças estruturais, econômicas, sociais, políticas e culturais”, que impactam diretamente os projetos de vida da juventude rural.

O trabalho aqui apresentado não busca soluções definitivas, mas sim provocar reflexão sobre as estruturas que moldam o campo e a cidade, e como essas estruturas influenciam a subjetividade e as escolhas dos jovens. Através do recurso do documentário audiovisual, aliado a uma pesquisa de campo com abordagem quantitativa, este relatório apresenta o percurso da produção, as motivações teóricas e metodológicas e as reflexões que emergiram ao longo do processo.

Mais do que um produto técnico, este trabalho é um convite a pensar a permanência no campo como possibilidade concreta e simbólica. Ao articular jornalismo, ciência e sensibilidade, ele tensiona as fronteiras entre o que se espera da juventude rural e o que essa juventude, de fato, deseja para si.

2 OBJETO

O presente trabalho tem como objeto de análise o Assentamento Menino Jesus, localizado no município de Chorozinho, Ceará. Trata-se de uma área conquistada por meio da luta pela reforma agrária, marcada por anos de organização política dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, até a conquista da terra. O AMJ esteve vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, mas desde a conquista da terra (2008), não atua mais junto ao MST.

De acordo com definição do Ministério do Desenvolvimento Agrário, um assentamento é uma unidade territorial destinada à redistribuição da terra, concebida como território de (re)existência camponesa e reconstrução das relações sociais, econômicas e políticas vinculadas à terra. No caso do AMJ, essa história está diretamente relacionada à ocupação de mais de 400 famílias na BR-116 (2003-2008) que buscavam conquistar os 8 mil hectares de terras improdutivas que pertenciam à Fazenda Marambaia. Atualmente (2025), estima-se que 250 famílias estão cadastradas no Assentamento.

Esse território, embora marcado por conquistas históricas, vem passando por um processo de esvaziamento, especialmente no que diz respeito à juventude. Muitos jovens têm deixado o assentamento em busca de oportunidades nas cidades, revelando, por um lado, o enfraquecimento das condições de permanência digna no campo e, por outro, as contradições da vida urbana, que nem sempre oferece o que promete. O documentário se propõe a investigar esse movimento a partir de uma abordagem sensível, que combina pesquisa empírica, análise sociocultural e narrativa audiovisual.

O fio condutor da obra é a história de Lairton Santiago, jovem que chegou ao assentamento com três anos de idade e passou a infância e a adolescência nesse espaço. Laírton representa um caso emblemático: apesar de ter crescido num território conquistado pela luta popular, escolheu sair do assentamento para trabalhar em uma fábrica. Sua trajetória expressa uma tensão que é comum a muitos jovens do campo: a dificuldade em enxergar a terra como espaço viável para realização pessoal e profissional.

A escolha por acompanhar esse personagem não busca essencializar ou generalizar sua experiência, mas permitir que, a partir dela, sejam evidenciadas questões mais amplas sobre os sentidos de sucesso, pertencimento, autonomia e dignidade. Com isso, o trabalho se propõe a contribuir para o debate sobre a reforma agrária enquanto política pública de

distribuição de terra, com base nos princípios de função social e cidadania, conforme estabelecido no Estatuto da Terra (Lei nº 4.504/1964) e na Constituição Federal de 1988.

Além de refletir sobre as limitações do campo enquanto espaço de permanência para a juventude, o documentário busca provocar também uma mudança no olhar social que se tem sobre a vida no campo e sobre quem o habita. Nesse sentido, pensar a juventude rural não como uma categoria em "formação", mas como sujeito político de direitos, com desejos, necessidades e estratégias próprias de existência.

3 OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

Elaborar um documentário audiovisual que busque compreender e evidenciar os aspectos que dificultam ou inviabilizam a permanência da juventude rural nos assentamentos da reforma agrária, tendo como caso central o assentamento Menino Jesus, em Chorozinho (CE).

3.2 Objetivos específicos

- Provocar reflexões sobre os sentidos atribuídos à vida no campo por esses jovens e por setores da sociedade, contribuindo para o debate público e para o aperfeiçoamento de políticas que reconheçam a diversidade de projetos de vida e fortaleçam o campo como espaço de dignidade, trabalho e pertencimento;
- Identificar e analisar os fatores socioeconômicos, culturais e educacionais que motivam o êxodo rural dos jovens do AMJ, investigando as aspirações, sonhos e desafios, sobretudo de um jovem, que não são plenamente atendidos no ambiente rural;
- Avaliar a adequação e o impacto das políticas públicas (ou a ausência delas) no AMJ, particularmente no que se relaciona à infraestrutura básica, principalmente, ao trabalho, à educação e perspectiva de futuro;
- Propor reflexões e ações que possam fortalecer a agricultura familiar e os assentamentos como espaços atrativos e viáveis para as novas gerações, garantindo não apenas a produção de alimentos e renda, mas também a oferta de qualidade de vida, oportunidades de lazer e desenvolvimento profissional no campo.

4 PROBLEMA DE PESQUISA

O processo de êxodo rural da juventude brasileira, especialmente no Assentamento Menino Jesus (CE), levanta uma série de questões sobre o papel que o campo ocupa, ou deixa de ocupar, como espaço de construção de vida. Ainda que os assentamentos tenham surgido como política de redistribuição de terras e como forma de garantir acesso à cidadania para famílias camponesas, observa-se que muitos jovens não veem nesses territórios uma possibilidade de futuro. Em vez disso, são atraídos pelos supostos benefícios da vida urbana, mesmo que, muitas vezes, encontrem nas cidades condições precárias.

A pergunta que orienta este trabalho, portanto, é: por que tantos jovens estão deixando o campo e os assentamentos rurais, mesmo quando esses espaços representam conquistas históricas e políticas da luta pela terra? Quais fatores, simbólicos, materiais e institucionais tornam o campo menos desejado ou menos viável como lugar de permanência, trabalho e dignidade?

Estes questionamentos surgem da constatação de um esvaziamento do AMJ, que se reflete em um fenômeno mais amplo. Os jovens, filhos de agricultores assentados, não veem na terra uma possibilidade de ascensão social e econômica, o que os leva a buscar uma “vida melhor” na cidade, muitas vezes desprovidos de direitos básicos. A produção jornalística se aprofunda na ambiguidade dessa escolha, que, para alguns, representa uma busca por autonomia e novas habilidades, enquanto para outros é uma necessidade imposta pela falta de perspectivas e investimentos no meio rural.

A estrutura fundiária brasileira, historicamente marcada pela concentração de terras e pela desigualdade, é um dos elementos centrais para compreender esse cenário. Como observa Oliveira (2001, p. 187), “essas grandes extensões de terras estão concentradas nas mãos de inúmeros grupos econômicos porque, no Brasil, estas funcionam ora como reserva de valor, ora como reserva patrimonial”. Tal configuração contribui para a exclusão de amplos setores sociais do acesso à terra e, ainda hoje, impõe limites à efetividade das políticas de reforma agrária¹.

Mas não se trata apenas de uma dimensão estrutural ou econômica. As dinâmicas contemporâneas do capitalismo, marcadas por um desenvolvimento desigual e contraditório no campo, também tensionam o modo como os jovens percebem a vida rural. Como aponta Oliveira (2001, p. 185), “o desenvolvimento do capitalismo – e a sua consequente expansão

¹ Disponível em:

<https://reporterbrasil.org.br/2024/12/contra-stf-e-sem-terra-ruralistas-aceleram-pl-que-dificulta-reforma-agraria/>

no campo – se faz de forma heterogênea, complexa e, portanto, plural”, o que explica por que nem todos os sujeitos são igualmente integrados ou valorizados nesse processo.

Além disso, a decisão de migrar para a cidade, por parte dos jovens, não deve ser compreendida como simples recusa ao campo, mas, muitas vezes, como uma tentativa de acreditar no possível. Nas palavras de Peripolli (2011, p. 82), “o êxodo, neste caso, quer significar – não o abandono, a desistência, o fim do sonho, mas, ao contrário –, acreditar no possível. Isso implica romper, dizer não ao estabelecido, partir para, buscar, começar tudo de novo”. Contudo, esse gesto de partida está, frequentemente, atravessado por frustrações, pois o “desejo de mudar de vida” não encontra na cidade as garantias que promete.

Diante disso, reitera-se a questão proposta por Peripolli: que jovem permaneceria no campo, hoje, sem ter a mínima segurança de que ali poderá viver com dignidade? (Peripolli, 2011, p. 84). O problema não está apenas no desejo de sair, mas na falta de condições reais que possibilitem permanecer, como acesso à educação, trabalho, segurança. É nesse sentido que este trabalho busca compreender, a partir da experiência concreta do Assentamento Menino Jesus, quais são os dilemas, contradições e expectativas que envolvem a juventude rural diante da escolha, ou da falta de escolha, entre ficar e partir.

5 JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se por sua relevância social, política e comunicacional. A escolha por investigar os fluxos e dilemas da juventude rural no contexto do assentamento Menino Jesus, em Chorozinho (CE), parte da constatação de um fenômeno recorrente: o esvaziamento dos territórios conquistados pela luta pela terra, especialmente pela saída dos jovens em busca de alternativas fora do campo. Ao mesmo tempo, esse movimento não é simples ou unilateral, ele carrega contradições, tensões e ambivalências que merecem atenção cuidadosa e tratamento aprofundado.

A migração juvenil rural, embora não seja um fenômeno novo, tem ganhado novas formas e sentidos nas últimas décadas. Como destaca Wanderley (*apud* Silva, Menezes, 2003), muitas vezes a migração “é o único meio disponível para assegurar os recursos necessários à instalação dos jovens” (p. 172). Além disso, como observa Menezes (1985 *apud* Silva, Menezes, 2003), a migração abre a possibilidade de satisfação das necessidades de consumo próprias da juventude, o que ajuda a entender por que, para muitos jovens, o campo não parece oferecer o que querem para si.

A juventude rural de hoje não é passiva diante dessas dinâmicas. Trata-se de um novo perfil de jovem, cujos hábitos culturais e formas de sociabilidade não se restringem ao campo. Eles estão integrados a uma cultura globalizada, mas inseridos em territórios que ainda carecem de políticas públicas e investimentos. Como aponta o estudo de Carneiro (2005 *apud* Malagodi, Marques, 2007, p. 205), “o padrão da cultura urbana é hegemônico e tende a ser referência para os jovens do campo na elaboração de seus projetos futuros”. Isso gera uma tensão permanente entre os valores da cultura camponesa e os desejos contemporâneos da juventude, que quer viver sua juventude “hoje e com dignidade” (Peripolli, 2011, p. 86).

Ao abordar essa temática em formato documental, este trabalho busca contribuir não apenas com a reflexão acadêmica, mas também com o campo do jornalismo enquanto ferramenta de escuta, investigação e sensibilização. A narrativa construída a partir da trajetória de Lairton Santiago, jovem do AMJ, permite dar forma e rosto a debates estruturais muitas vezes abstratos. Sua história representa o encontro entre diferentes projetos de vida: o da permanência e o da partida; o da tradição e o da reinvenção.

A análise se insere, ainda, no debate mais amplo sobre o que Fernandes (2002 *apud* Peripolli, p. 84-85) define como a desintegração do campesinato: um processo em que o campo é progressivamente incorporado à lógica do capital, onde tudo se torna mercadoria e a

cultura camponesa não encontra mais espaço para florescer. Esse fenômeno resulta, muitas vezes, no que Peripolli (2011) descreve como uma transferência precária e mal resolvida das propriedades e das responsabilidades rurais às novas gerações, contribuindo para o ciclo contínuo de evasão juvenil.

Essa tensão entre pertencimento e mobilidade, entre identidade rural e cultura urbana, é parte constitutiva da juventude atual. Ao dar visibilidade a essas contradições, o documentário oferece uma contribuição importante para a compreensão do papel da juventude na continuidade, ou não, dos projetos da reforma agrária no Brasil.

6 CONTEXTO

A realidade agrária brasileira é historicamente marcada pela desigualdade na posse da terra. Apesar de dispositivos legais que garantem o acesso à terra e sua função social, como prevê o Estatuto da Terra (Lei nº 4.504/1964) e a Constituição Federal de 1988, a estrutura fundiária do país ainda apresenta fortes traços de concentração, reproduzindo exclusões sociais e territoriais. Nesse cenário, a reforma agrária se configura como um processo político e social complexo, que envolve a redistribuição de terras, mas também a construção de condições materiais, culturais e simbólicas para que a vida no campo seja viável e desejável.

A atuação de movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tem sido fundamental para a conquista de territórios por meio da luta popular. Aqui, destaca-se que o assentamento Menino Jesus (CE) não está vinculado ao MST e nem a nenhuma outra organização similar. O assentamento dispõe de duas Associações dos moradores.

Nas últimas décadas, o processo de reforma agrária tem sofrido com o desmonte de políticas públicas, a descontinuidade administrativa e a falta de consolidação efetiva dos assentamentos. Dados indicam que apenas cerca de 6% dos assentamentos criados desde 1975 se encontram plenamente estruturados, revelando a fragilidade das ações estatais voltadas ao desenvolvimento rural sustentável².

Como destaca Brumer (2005, p. 36), dois temas recorrentes nos estudos sobre juventude rural são a migração e a dificuldade na sucessão familiar, que tem se tornado cada vez mais tardia ou mesmo inexistente, diminuindo o peso moral e simbólico do papel de agricultor entre as novas gerações. Algo que é exposto no documentário com a fala de José Sisnandes, agricultor e pai do Lairton, personagem sobre o qual trataremos mais à frente, que diz: “Mas a gente vê o seguinte: a agricultura, todos os anos ela vem, porque eu gosto da agricultura, mas eu não sou tão agricultor que meu pai foi, né? Eu não sei se os meus filhos vão querer ter a mesma vontade de ficar numa agricultura que nem eu, né?”.

Além disso, fatores culturais, midiáticos e estruturais também influenciam os comportamentos juvenis³. Os meios de comunicação, especialmente a televisão e a publicidade, constroem um ideal de juventude pautado pelo consumo, pela urbanidade e por um padrão de vida que associa sucesso à cidade (Sarti, 1999; Vieira, 2004 *apud* Troian,

² Ver em: [Relatório identifica desafios na consolidação de assentamentos rurais no Brasil](#).

³ Sobre a relação entre juventude campesina, consumo e mídia, verificar em: [Pedagogia da alternância, mídia e consumo na formação de novos camponeses](#)

Breitenbach, 2017, p. 194). Como observa Carneiro (2001 *apud* Troian, Breitenbach, 2017, p. 797-8), a crescente mecanização do campo e a diminuição da necessidade de mão de obra familiar contribuem para o afastamento dos jovens da atividade agrícola, ao passo que o meio urbano oferece, ao menos simbolicamente, um horizonte de maior autonomia.

Nesse sentido, o processo de migração juvenil não é apenas uma decisão individual, mas o resultado de uma teia de condicionantes, conforme destacaram Troian e Breitenbach (2017): ampliação dos horizontes profissionais no meio urbano (Mello *et al.*, 2003); desvalorização do espaço rural (Spanevello; Drebos; Lago, 2011); desigualdade de gênero na sucessão das propriedades; e, sobretudo, ausência de políticas públicas específicas para a juventude rural (Troian, 2014). Trata-se, portanto, de uma juventude que, embora siga conectada ao espaço rural por vínculos familiares, afetivos e simbólicos, nem sempre vê ali um lugar possível de vida com dignidade.

O documentário “Ir e Vir: fluxos e dilemas da juventude do assentamento Menino Jesus, em Chorozinho (CE)” insere-se justamente nesse contexto, buscando compreender os sentidos atribuídos pelos jovens à permanência ou à saída do campo, e as condições que moldam essas escolhas. Ao registrar os fluxos, afetos e ambivalências que perpassam essa juventude, o trabalho pretende contribuir para o debate sobre a necessidade de um olhar mais atento, transversal e comprometido com a permanência digna no campo como um direito e uma possibilidade real.

7 REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste trabalho de conclusão de curso está organizada em três eixos principais: o documentarismo enquanto linguagem e instrumento de intervenção social; os procedimentos metodológicos vinculados à apuração jornalística e à pesquisa de campo; e, por fim, a produção acadêmica voltada à compreensão da juventude rural e suas estratégias de permanência ou saída do campo.

No que se refere à linguagem audiovisual, os conceitos de documentário como representação e construção de uma visão de mundo foram fundamentais para a elaboração desta produção. A leitura de *Introdução ao Documentário*, de Bill Nichols (2010), e *O Filme Documentário: história, identidade, tecnologia*, de Manuela Penafria (1999), especialmente o capítulo “A identidade do documentarismo”, contribuiu para refletir criticamente sobre o papel social e expressivo do documentarista.

Ambos os autores reforçam que o documentário não é uma reprodução neutra da realidade, mas uma forma de construir significados a partir de escolhas narrativas, técnicas e estéticas. Penafria destaca a dimensão ética e política da prática documental, enquanto Nichols enfatiza sua potência como linguagem que articula sujeitos, ideias e contextos históricos. Os dois autores também serviram de base para as decisões tomadas no processo de edição e montagem, reconhecendo o uso criativo do som, da imagem e do tempo como elementos constitutivos do discurso documental.

A etapa de entrevista e apuração foi orientada pelo modelo de entrevista em profundidade, conforme proposto por Jorge Duarte (2005), em um capítulo de mesma autoria da obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. Optou-se por um formato qualitativo, semi-estruturado e semi-aberto, que permitiu escutar com profundidade os sujeitos entrevistados, respeitando seus tempos, contextos e repertórios.

Para a pesquisa de campo, que fundamentou parte importante da construção narrativa do documentário, foi adotada a metodologia da pesquisa de opinião, conforme orientações de Ana Lucia Romero Novelli (2005), também presente na obra organizada por Duarte e Barros. A autora oferece diretrizes claras para a elaboração de formulários, definição de amostragem e interpretação de dados em contextos empíricos.

No tocante à temática central deste trabalho, juventude rural e reforma agrária, diversos autores foram consultados para compreender os dilemas que atravessam as trajetórias juvenis no campo brasileiro. A coletânea *Juventude rural em perspectiva* (Carneiro; Castro, 2007) foi especialmente importante, por reunir textos que abordam, sob

múltiplas dimensões, os desafios enfrentados por jovens camponeses na contemporaneidade. Anita Brumer (2007) discute a crise de identidade e a dificuldade de sucessão intergeracional, enquanto Edgard Malagodi e Roberto Marques (2007) propõem olhar para as estratégias de reprodução social que os jovens constroem diante do dilema entre "ficar ou sair".

Outros textos fundamentais foram “Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político” (Almeida et al., 2009; Castro et al., 2009), que ajudam a contextualizar a discussão e evidenciar os esforços da juventude do campo em torno de seus direitos. As contribuições de Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2001) sobre a trajetória da reforma agrária e os conflitos no campo, bem como os trabalhos de Marcelo Saturnino da Silva e Marilda Menezes (2007) e de Odimar Peripolli (2011), foram importantes para refletir sobre migração, identidade, educação e fragilidade das políticas públicas voltadas à juventude rural.

Por fim, o artigo de Alessandra Troian e Raquel Breitenbach (2018) ofereceu uma visão atualizada e crítica sobre as lacunas e potencialidades das pesquisas nesta área. Com base nesse referencial teórico, o trabalho busca alinhar uma produção jornalística à conceitos acadêmicos presente na literatura, a fim de dar contorno a uma realidade, por vezes, abstrata.

8 METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso adotou uma abordagem metodológica mista, unindo a investigação jornalística em formato documental com a realização de uma pesquisa de campo de base quantitativa. A combinação entre essas duas estratégias permitiu aprofundar o olhar sobre o fenômeno estudado, unindo dados objetivos e estruturados com experiências, narrativas e sentidos expressos pelos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa de campo foi o ponto de partida do trabalho. Aplicada presencialmente no Assentamento Menino Jesus, nos dias 27 e 28 de setembro de 2024, ela teve como objetivo traçar o perfil sociodemográfico da juventude assentada e compreender as percepções, dificuldades, sonhos e motivações relacionados à permanência ou saída do assentamento. Por meio de um questionário estruturado, foi possível reunir dados relevantes sobre educação, trabalho, vínculos familiares, lazer, mobilidade e expectativas de futuro dos jovens.

Como embasamento teórico e técnico para a construção do formulário de pesquisa e para a coleta dos dados, foi utilizado o capítulo “Pesquisa de Opinião”, de Ana Lucia Romero Novelli, presente no livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2005). A obra contribuiu para o desenho metodológico e a aplicação dos questionários, além de oferecer fundamentos para a leitura crítica dos dados.

Paralelamente à análise quantitativa, o trabalho se estruturou por meio da produção do documentário “Ir e Vir: fluxos e dilemas da juventude do assentamento Menino Jesus, em Chorozinho (CE)”, que se propõe a dar visibilidade às vozes e vivências de jovens que protagonizam esse movimento. A escolha do personagem principal do documentário, Laírton Santiago, decorreu justamente da escuta sensível e do contato direto estabelecido durante a pesquisa de campo. Sua trajetória, marcada pela infância no assentamento e pela atual vivência como trabalhador urbano, sintetiza as tensões entre tradição camponesa e lógica capitalista urbana.

O uso do documentário como método de apuração e linguagem expressiva dialoga com os princípios do jornalismo como instrumento de escuta, denúncia e reflexão. A construção audiovisual permite uma leitura mais sensível e subjetiva dos dados e dá rosto aos números apresentados, explorando os sentidos afetivos, políticos e sociais das decisões tomadas pela juventude do campo.

Ao articular essas duas frentes, a coleta e análise quantitativa e a narrativa documental, o trabalho se propõe a construir uma visão mais complexa e plural da juventude rural contemporânea. Trata-se, portanto, de uma abordagem metodológica que reconhece a

importância de dados mensuráveis, mas que não prescinde da dimensão humana e simbólica que só o contato direto, *in loco* e a linguagem sensível do documentário são capazes de captar.

8.1 Pesquisa de campo

A população de referência para o estudo foi estabelecida com base na definição da Organização das Nações Unidas (ONU), que considera jovens os indivíduos com idade entre 15 e 24 anos. Para quantificar essa população, utilizou-se a pesquisa do IBGE de 2017, especificamente a Tabela 6774, que detalha o "Número de estabelecimentos agropecuários com produtor proprietário, concessionário ou assentado sem titulação definitiva". Essa foi a única pesquisa registrada no sistema do IBGE relacionada a assentamentos que pôde ser empregada como base.

Os dados focaram em produtores menores de 25 anos de estabelecimentos de agricultura familiar com titulação ou licença de ocupação por reforma agrária. As regiões consideradas foram Cascavel (pertencente à Região Metropolitana de Fortaleza, CE) e Chorozinho (integrante da Região Norte Cearense, CE), locais aos quais o Assentamento Menino Jesus já esteve e, atualmente, está vinculado, respectivamente. A partir desses critérios, a população total identificada para o estudo foi de 46 jovens.

Inicialmente, o cálculo da amostra com base nessa população de 46 pessoas, uma margem de erro amostral de 9%, um nível de confiança de 90% e uma distribuição populacional mais homogênea (80/20) resultou na necessidade de 25 respostas. A margem de erro associada a essa amostra de 25 respostas foi então calculada em 11.20%, considerando os mesmos parâmetros de população e nível de confiança.

Contudo, para garantir uma maior precisão aos resultados da pesquisa, o objetivo foi aproximar o número de respondentes da totalidade da população de jovens. Foram consideradas outras projeções amostrais: para um nível de confiança de 99% e uma margem de erro de 5%, seriam necessárias 43 pessoas; para um nível de confiança de 99% com uma margem de erro de apenas 1%, todas as 46 pessoas precisariam ser entrevistadas; e para um nível de confiança de 95% com 5% de margem de erro, seriam necessárias 41 pessoas. Assim, a intenção da pesquisa era alcançar um número de respondentes que caminhasse entre 43 e 46 jovens, buscando um nível de 99% de precisão de confiança.

Contudo, apesar da busca por mais jovens que pudessem responder ao questionário aplicado, os mesmos não foram identificados no AMJ nas datas de realização da pesquisa. Entre os fatores mencionados pela “ausência” de jovens nesse espaço, estão: atividade

profissional sendo exercida em outra cidade no momento e visita a familiares que moram em outra região. Assim, para a interpretação dos dados, foram utilizadas as 25 respostas efetivamente obtidas dos jovens presentes no local.

As informações foram coletadas por meio de um formulário socioeconômico impresso, e a pesquisa foi realizada de forma presencial no assentamento, no dia 27 e 28 de setembro de 2024. O formulário foi dividido em diversas categorias. As perguntas incluíram: dados demográficos e familiares (idade, estado civil, gênero, cor de pele, origem, com quem e onde mora, se há familiares no assentamento, se possui irmãos/irmãs e filhos/as); questões sobre educação e trabalho (grau de escolaridade dos pais e do respondente, situação atual de estudo/trabalho, tipo de ocupação, contribuição e principal contribuinte da renda familiar, e renda familiar mensal); e perguntas sobre atividades, mobilidade e percepções (prática de atividades físicas/esportivas/culturais, tempo de moradia e se já morou fora do assentamento ou em outros espaços rurais/urbanos, frequência de trabalho e lazer no assentamento, local de estudo, e se já realizou atividades profissionais fora do assentamento). Por fim, o formulário abordava percepções sobre o assentamento, questionando os aspectos positivos e desafiadores de viver no local, uma avaliação da experiência de vida (escala de 1 a 5) e a intenção de sair/morar fora do assentamento e os motivos para tal.

Com base nas 25 respostas obtidas, foi possível traçar um perfil dos jovens do AMJ e suas percepções. No que relaciona-se aos dados demográficos e familiares, a maioria dos respondentes situava-se na faixa etária de 18 a 23 anos (13 respondentes), sendo majoritariamente solteiros/as (23 respondentes), homens (19 respondentes) e de cor parda (11 respondentes) ou negro/preta (7 respondentes). Muitos eram originários de Chorozinho (7 respondentes) e Fortaleza (6 respondentes). A vasta maioria morava com pais e/ou irmãos (17 respondentes) ou com a família estendida (tios, avós e primos/6 respondentes), e quase todos (24 de 25) tinham pais ou familiares residindo no assentamento. Todos os respondentes possuíam irmãos/irmãs, enquanto apenas um tinha filhos(as).

A análise de educação e trabalho revelou que a escolaridade dos pais era predominantemente Ensino Fundamental Incompleto (mãe: 10 respondentes; pai: 12 respondentes), com muitos filhos 'não sabendo' a escolaridade dos pais. A escolaridade predominante dos próprios respondentes era o Ensino Médio Incompleto (14 respondentes). A maioria (15 respondentes) estava estudando, e 16 respondentes não trabalhavam remunerado ou recebiam apoio. A mãe (8 respondentes) ou o pai (9 respondentes) eram os principais contribuintes da renda familiar, que para a maioria (9 respondentes) estava entre um e dois salários mínimos.

Quanto às atividades, mobilidade e percepções, verificou-se que 12 respondentes não praticavam nenhuma atividade física, esportiva ou cultural, embora 10 praticassem esportes. A maior parte dos jovens (15 respondentes) residia no assentamento há mais de 10 anos, e 18 já haviam morado fora do AMJ. Onze respondentes já haviam morado em cidade/espaco urbano/sede de município mais populoso. A frequência de trabalho no assentamento era variada, com 7 trabalhando todo dia e 6 nunca trabalhando lá, enquanto o lazer era mais frequente, com 12 respondentes praticando atividades uma vez por semana. Dezoito respondentes estudaram principalmente em escolas dentro ou ao redor do assentamento, e 15 nunca realizaram atividades profissionais fora do assentamento.

As percepções sobre o assentamento indicaram que a proximidade com a família (18 respondentes) era o aspecto mais valorizado para viver no assentamento, seguido pela proximidade com a natureza (14 respondentes) e acesso à terra (11 respondentes). Contudo, o principal desafio apontado era a pouca opção de emprego (21 respondentes), seguido pelo acesso limitado a serviços de saúde (18 respondentes) e falta de infraestrutura (8 respondentes). Contudo, apesar dos dados apresentados, há uma contradição: a experiência de vida no assentamento foi avaliada como boa (Nota 4) por 15 respondentes e ótima (Nota 5) por 7 respondentes.

No que tange à intenção de permanecer, um dado revelou que a maioria dos jovens (16 respondentes) pretendia sair/morar fora do assentamento, principalmente em busca de melhores oportunidades de trabalho, estudo e/ou carreira. Apenas 7 respondentes preferiam permanecer, citando a tranquilidade, a família ou considerando o local um bom lugar. Essas análises demonstram que, embora haja um reconhecimento e valorização da vida comunitária e dos aspectos naturais no assentamento, a escassez de oportunidades de emprego e educação atua como um forte impulsionador para a intenção de migração, impactando diretamente a questão da permanência da juventude no local.

8.2 Documentário

A segunda estratégia metodológica deste trabalho é a produção de um documentário audiovisual. A escolha por esse formato não se dá apenas por uma questão de linguagem, mas também por uma opção ética e política de representar a realidade com as possibilidades narrativas e sensíveis que o cinema documental permite. O documentário parte de uma investigação jornalística que busca dar visibilidade às histórias, desejos e angústias de jovens do campo em especial, por meio da trajetória de Lairton Santiago, personagem central da narrativa.

Os fundamentos teóricos que sustentam a construção do filme têm como base autores como Bill Nichols (2016) e Manuela Penafria (2012), cujas reflexões sobre o documentário como representação e não como simples reprodução da realidade foram determinantes para a condução estética e editorial do projeto.

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares (Nichols, 2016, p. 47).

Com base nessa concepção, entende-se que a realidade filmada no AMJ não aparece como um “espelho neutro” da vida no campo, mas como um recorte narrativo, construído a partir das escolhas da direção, do roteiro e da montagem. A câmera, portanto, não apenas registra, mas também interpreta, organiza e provoca sentidos. Ainda segundo Nichols:

[...] Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. (Nichols, 2016, p. 26-27).

Essa dimensão da organização narrativa também é abordada por Penafria (2012), ao tratar da montagem como um espaço de criação e não apenas de encadeamento cronológico de imagens. Recurso utilizado no documentário, visto que as gravações, sobretudo, *in loco*, foram realizadas em datas distintas. A autora retoma a ideia de Vertov sobre o potencial criativo do cinema documental:

A montagem não obriga ao respeito pela sucessão temporal e pela continuidade espacial. Imagens recolhidas em diferentes locais e durante um período de tempo prolongado ou não, podem, através da montagem, dar origem a combinações com significado. Para Vertov a montagem não junta, organiza.” (Penafria, 2012, p. 43).

No caso deste trabalho, as gravações ocorreram em duas visitas distintas ao assentamento: a primeira no dia 07 de dezembro de 2024, e a segunda em 15 de março de 2025. O material captado nesses dias foi articulado na edição para produzir sentido, explorando tanto o cotidiano quanto as memórias dos personagens envolvidos. Como afirma Penafria: “Em contrapartida, o documentário vai para além desses limites; aqui, não há uma simples descrição do material natural; há, sim, combinações, recombinações e formas criativas de trabalhar esse material” (Penafria, 2012, p. 44-45).

A presença da câmera no território também envolve uma relação ética entre documentarista e personagem. A escuta e o olhar demandam cuidado, escuta atenta e compromisso com a realidade representada. O documentário parte, assim, de uma postura que busca ativar não só a percepção estética do público, mas também sua consciência social, como afirma Nichols (2016, p. 102)

Esse compromisso político do cinema documental é reforçado ainda pela perspectiva de Grierson, citada por Penafria, que comprehende o documentário como instrumento de educação pública: “O documentário assume, assim, uma dimensão social: deve ser um instrumento de educação pública” (Grierson *apud* Penafria, 2012, p. 49).

Por fim, vale destacar que, ao seguir os princípios de um documentário de representação social, este trabalho se posiciona como uma narrativa engajada, que busca não apenas informar, mas também questionar e refletir sobre os processos de esvaziamento dos assentamentos rurais e o lugar da juventude dentro da política de reforma agrária.

9 PRODUÇÃO E APURAÇÃO

A produção do documentário em descrição envolveu um processo cuidadoso de escuta e construção narrativa ancorado em dois eixos principais: a escuta qualificada dos sujeitos envolvidos e a reflexão crítica sobre os fluxos migratórios juvenis do meio rural. A abordagem metodológica e estética do documentário parte do compromisso com uma narrativa ética e sensível à realidade da juventude camponesa, unindo dados objetivos, afetos, memórias, silêncios e reflexões.

Durante a realização das visitas ao Assentamento Menino Jesus, contei com o apoio logístico e institucional do Grupo de Interesse Ambiental (GIA), que foi fundamental para viabilizar o trabalho de campo. Ao todo, foram realizadas quatro visitas ao AMJ: a primeira para a realização da pesquisa de campo, nos dias 27 e 28 de novembro de 2024, e as duas últimas, para a gravação das entrevistas, nos dia 07 de dezembro de 2024 e 15 de março de 2025. Em duas ocasiões, o GIA ofereceu suporte com o transporte até o assentamento, bem como um espaço para dormir, o que possibilitou uma maior permanência no território e uma imersão mais aprofundada na rotina local. Esse apoio foi decisivo não apenas em termos práticos, mas também no fortalecimento dos vínculos com a comunidade e na construção de uma escuta mais atenta e respeitosa.

Além da infraestrutura, o GIA colaborouativamente durante a etapa de pesquisa de campo por meio da mobilização de seus jovens voluntários residentes no próprio assentamento. Esses jovens foram extremamente solícitos, acompanhando a aplicação dos questionários, auxiliando no contato com outros moradores e garantindo o acolhimento necessário para a condução das entrevistas e das filmagens. A presença e o engajamento desses voluntários reforçam o papel do GIA enquanto agente de articulação comunitária, e evidenciam a importância de iniciativas locais na construção de trabalhos comprometidos com o território.

O referencial utilizado foi o capítulo “Entrevista em Profundidade”, de Jorge Duarte, publicado no livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2005), que oferece uma base sólida para a condução de entrevistas com foco na profundidade e complexidade das respostas, valorizando as experiências dos participantes e permitindo flexibilidade para que novos temas emergissem ao longo das conversas.

O processo de apuração teve como principal instrumento metodológico a entrevista qualitativa, semi-estruturada, semiaberta e em profundidade, baseada em um roteiro de questões norteadoras, em todas as entrevistas presentes no documentário. Essa abordagem foi

escolhida para possibilitar a escuta ativa e a valorização do conhecimento dos sujeitos entrevistados, suas realidades e percepções acerca da temática abordada na produção. Segundo Jorge Duarte, esse modelo de entrevista: Parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (Duarte, 2005, p. 66).

As entrevistas realizadas no documentário seguiram esse modelo e envolveram diferentes perfis de fontes, que contribuíram de maneiras distintas para a compreensão do fenômeno em análise. O personagem principal, Lairton Santiago, jovem trabalhador de uma fábrica e filho de assentados, representa a síntese das tensões entre permanência e partida, entre pertencimento ao campo e busca por autonomia na cidade. Sua narrativa é atravessada pela experiência de ter crescido no AMJ e de hoje viver cotidianamente os dilemas entre ir e vir.

A escuta dos seus pais, Raimunda Santiago e José Sisnandes da Silva, ambos agricultores assentados, permitiu a construção de uma memória familiar e comunitária sobre o processo de luta pela terra, os significados do assentamento e os desafios vividos pelas gerações anteriores - e as gerações atuais. Suas falas contribuem para compreender a terra não apenas como espaço produtivo, mas como território de pertencimento, resistência e incerteza do futuro.

O documentário também inclui a escuta de Mônica Martins, doutora em Psicologia Ambiental pela Universidade Federal do Ceará, pesquisadora do Locus-UFC (Laboratório de Psicologia Ambiental), que contribui com uma leitura crítica sobre os impactos simbólicos e subjetivos vivenciados por jovens em territórios rurais marcados por precariedade, ausência de políticas públicas e invisibilidade social.

A dimensão sociológica foi aprofundada pela entrevista com Vanda Aparecida da Silva, professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pesquisadora de temas como juventude, ruralidades, mobilidade e educação. Sua fala aproxima os dilemas da juventude rural brasileira às discussões acadêmicas contemporâneas sobre identidade, desejo, deslocamento e permanência.

Do ponto de vista institucional, foram ouvidos dois representantes diretamente ligados à política agrária. Jean Ferreira Jr., técnico do Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará (Idace), trouxe contribuições sobre que exemplificam questões e problemas enfrentados pelo Estado em relação aos assentamentos estaduais. Já Raimundo Cruz (Djalma), orientador de

projetos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Inca), dialogou com os limites e preocupações relacionadas às políticas públicas voltadas para a juventude assentada.

Essas múltiplas vozes, organizadas por meio de entrevistas gravadas em diferentes momentos, compõem uma teia narrativa que busca articular perspectivas individuais e coletivas, subjetivas e institucionais, compondo um panorama amplo e crítico sobre a juventude rural e os processos de migração e pertencimento.

Os documentários de representação social [...] tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. [...] Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser (Nichols, 2005, p. 26-27).

O documentário, portanto, não apenas registra os depoimentos de seus personagens, mas os representa a partir de uma seleção ética e estética de imagens, sons e palavras que compõem uma leitura sensível e crítica da realidade, como afirma Bill Nichols.

10 ROTEIRO E EDIÇÃO

O roteiro do documentário foi concebido como uma estrutura aberta, baseada na organização por eixos temáticos e blocos narrativos. A proposta não foi construir uma linearidade rígida, mas sim permitir que os depoimentos e as imagens captadas pudessem conduzir o fluxo do filme de forma orgânica e sensível, respeitando o tempo da escuta e a densidade de cada fala.

Inspirado na proposta de representação defendida por Bill Nichols e Manuela Penafria, o documentário não busca apenas informar, mas provocar a reflexão social e emocional. A montagem, portanto, não respeitou necessariamente uma sequência cronológica ou lógica rígida, mas foi construída com base em relações de sentido entre as falas, as imagens e os silêncios, o que, como aponta Penafria, “vai para além dos limites descritivos e se constitui como forma criativa de organização do real” (Penafria, 2005, p. 45).

A edição foi realizada com base nos seguintes princípios:

- Valorização do depoimento como elemento central da narrativa;
- Uso pontual de recursos visuais como letreiros e sobreposições de imagem, mantendo uma estética limpa e funcional;
- Alternância entre planos abertos da paisagem rural e planos fechados dos rostos dos entrevistados, para reforçar o contraste entre o espaço e a intimidade da fala;
- Montagem por blocos temáticos (infância no assentamento, relação com a terra, trabalho, sonhos, desejo de migração, sentido de pertencimento), que possibilitam ao espectador acompanhar os dilemas apresentados sem perder o fio condutor.
- Posicionamentos institucionais sobre o problema e reflexão apontados na produção jornalística.

11 TRILHA SONORA

A trilha sonora foi pensada como parte essencial da narrativa sensível e afetiva que se desejava construir. Mais do que um elemento de fundo, o som aqui é um recurso de evocação e aprofundamento, serve para criar ambiências, reforçar sentidos e estabelecer diálogos sutis com as imagens e falas dos entrevistados.

Uma das escolhas centrais foi a utilização da música “Como Nossos Pais”, na versão interpretada por Renato Enoch. Essa versão, que faz parte de um projeto tributo ao compositor Belchior e Elis Regina, foi autorizada diretamente pelo cantor para ser usada na produção. Até a presente data da defesa deste trabalho, o processo de autorização junto à produtora detentora dos direitos autorais vinculada à família do Belchior ainda está em andamento, com e-mails enviados e diálogo estabelecido para a devida regularização.

A escolha dessa canção se deu por sua potência simbólica e emocional. A letra trata da relação entre gerações (pais e filhos) e da tensão entre permanência e mudança, temas profundamente presentes na trajetória dos jovens do AMJ. A música fala de um tempo que passa, mas também de estruturas que permanecem. Isso está diretamente conectado à narrativa construída no documentário, onde juventudes buscam seus caminhos entre o legado deixado pelos pais e os próprios desejos de autonomia e recomeço.

Além da música referida, o documentário também utiliza sons ambientais captados diretamente no assentamento, como parte da sua paisagem sonora. São vozes, risos, ruídos, conversas em momentos informais e registros espontâneos de atividades e festas comunitárias. Esses elementos sonoros, não musicais no sentido tradicional, foram incorporados com o objetivo de preservar a autenticidade e a atmosfera do espaço retratado, criando uma experiência sensorial que aproxima o espectador da realidade do assentamento. A trilha sonora, portanto, compõe a narrativa com o mesmo compromisso de escuta que guiou todas as etapas deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, priorizou-se compreender as dinâmicas que envolvem os fluxos migratórios da juventude rural a partir do Assentamento Menino Jesus (CE), lançando luz sobre as motivações que levam jovens a permanecer ou sair do campo. O documentário revelou não apenas as fragilidades estruturais que impulsionam o êxodo rural, mas também as contradições, os afetos e os desejos que atravessam essa juventude.

Duas contribuições centrais emergiram das entrevistas realizadas e merecem destaque nesta conclusão. A primeira foi trazida pela psicóloga Mônica Martins, que apontou a existência de uma migração de retorno: jovens que passam o "tempo produtivo" de suas vidas na cidade, mas que já nutrem, desde cedo, a certeza de que retornarão ao campo.

Esse fenômeno também é discutido na literatura. Segundo Aguiar e França (2021, p. 117), existem duas grandes vertentes teóricas sobre a migração de retorno: uma a interpreta como parte de um planejamento de vida, em que o indivíduo busca acumular riqueza ou conhecimento para aplicar futuramente em sua região de origem; a outra a vê como uma reação às condições econômicas adversas na região de destino (Dustmann e Kirchkamp, 2002; Borjas e Bratsberg, 1996 *apud* Aguiar, França, 2001).

Outro ponto relevante foi trazido por Raimundo Cruz, representante do Incra. Sua fala acende um alerta sobre a existência de um movimento de "contrarreforma": se antes a prioridade da reforma agrária era conquistar a terra e distribuí-la de forma que respeitasse e assegura a sua função social, hoje a preocupação precisa ser a de tornar esse território habitável, sobretudo para a juventude.

A ausência de investimentos e de políticas estruturantes ameaça reverter as conquistas alcançadas. A terra, uma vez esvaziada, volta a ser objeto de disputa dos grandes grupos econômicos. Assim, Raimundo propõe que pensemos a Reforma Agrária não como um processo encerrado, mas como algo que exige constante atenção e aprofundamento.

Para além das questões estruturais e políticas, o documentário também revelou percepções subjetivas que ajudam a entender os sentidos atribuídos ao êxodo rural. A socióloga Anita Brumer, a partir da obra de Patrick Champagne (1986), observa que muitos jovens recusam suceder seus pais na atividade agrícola porque essa recusa é, em essência, uma rejeição ao modo de vida que essa atividade representa. E "que essa crise de reprodução é, portanto, uma crise de identidade social" (Champagne, 1986, p. 77).

Essas camadas de interpretação nos convocam a repensar o olhar que temos sobre o campo. A professora Vanda Aparecida da Silva provoca uma reflexão, no documentário,

sobre a necessidade de uma educação de perspectiva: mais do que adaptar a escola ao campo, é preciso formar subjetividades capazes de valorizar outros modos de viver.

Em um tempo em que o “bom” está associado ao que é rápido, urbano e imediato, talvez o campo nos ensine a importância de outros ritmos. Ritmos esses, que seguem os ciclos da natureza, os tempos da terra, e as relações mais comunitárias e coletivas. Essa revalorização simbólica do campo, para além de suas dificuldades, pode ser central na construção de políticas públicas voltadas à permanência digna da juventude rural.

Este trabalho, portanto, não se encerra em si. Ele convida a novas perguntas. Como os jovens que vivem em assentamentos vinculados a movimentos sociais como o MST se diferenciam, na prática, daqueles que não têm essa vinculação? Como isso impacta a realidade deles? Existem fatores que influenciam a saída precoce das meninas e jovens mulheres do campo em relação aos meninos? Quais os impactos de organizações coletivas, como o Grupo de Interesse Ambiental (GIA), em espaços semelhantes ao Assentamento Menino Jesus? Qual o papel da mídia na influência de comportamento dessa juventude rural? Ela se vê em espaços de visibilidade, para além de “um jovem do campo”? Em que nível a formação política dos jovens também é tão essencial quanto a existência de políticas públicas?

Há um campo fértil para aprofundamentos futuros, especialmente no cruzamento entre juventude, gênero, ruralidades, campesinato, mídia e consumo da juventude que vive no espaço rural. Ir e Vir pretende ser, assim, uma plataforma de escuta, memória e provocação, para que possamos ter um novo olhar para o campo.

REFERÊNCIAS

Almeida, Salomé Lima Ferreira de et al. Os jovens estão indo embora? **Juventude rural e a construção de um ator político.** Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: Edur, 2009.

Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 de julho de 2025.

Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964. Dispõe sobre o Estatuto da Terra. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4504.htm. Acesso em: 20 de julho de 2025.

Brasil De Fato. **Juventude no campo: demanda essencial para o país exige políticas públicas adequadas.** Podcast Bem Viver, 24 abr. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/podcast/bem-viver/2023/04/24/permanencia-de-jovens-no-campo-e-e-ssencial-para-o-brasil-mas-demanda-politicas-publicas/>. Acesso em: 15 de julho de 2025.

Brumer, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (org.). **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

Castro, Elisa Guaraná de et al. Os jovens estão indo embora? **Juventude rural e a construção de um ator político.** Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares – Contag. Disponível em: <https://www.gov.br/cgu/pt-br/governo-aberto/iniciativas-de-governo-aberto/organizacoes-da-sociedad-e-civil/de-a-a-z/confederacao-nacional-dos-trabalhadores-na-agricultura-contag>. Acesso em: 15 de julho de 2025.

Duarte, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

IBGE. **Censo demográfico 2022: educação e trabalho.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101773.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2025.

Malagodi, Edgard; Marques, Roberto. Para além de ficar ou sair: as estratégias de reprodução social de jovens em assentamentos rurais. In: Carneiro, Maria José; Castro, Elisa Guaraná de (org.). **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

Martins, Cícera Mônica da Silva Sousa. **Territórios invisíveis: aspectos psicossociais do processo de transição agroecológica vivenciado por beneficiários do Projeto Paulo Freire no Cariri cearense.** 2022. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025.

Moreira, Antonio Wellington Lira. **Projeto de Assentamento Federal Menino Jesus (Cascavel e Chorozinho/CE): produção e renda das famílias assentadas.** 2015. Monografia (Bacharelado em Geografia), Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Capítulo: Referencial teórico, p. 17-20.

- Nichols, Bill. **Introdução ao documentário.** 5. ed. São Paulo: Papirus, 2010.
- Novelli, Ana Lucia Romero. Pesquisa de opinião. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. p. 164-179.
- Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. **A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária.** 2. ed. São Paulo: Estudos Avançados 15 (43), 2001.
- Penafria, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia.** Lisboa: Edições Cosmos, 1999. Capítulo: A identidade do documentarismo.
- Peripolli, Odimar J. **O processo de esvaziamento do campo entre jovens camponeses: os desafios colocados à escola.** Revista da Faculdade de Educação, v. IX, n. 16, p. 77, jul./dez. 2011.
- Saturnino da Silva, Marcelo; Menezes, Marilda A. Entre o bagaço da cana e a doçura do mel: migrações e identidades da juventude rural. In: Carneiro, Maria José; Castro, Elisa Guaraná de (org.). **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- Troian, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. **Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil.** Interações, Campo Grande, MS, v. 19, n. 4, p. 789-802, out./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.20435/inter.v19i4.1768>.
- Vasconcellos, Maria Drosila. **Pierre Bourdieu: a herança sociológica.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 78, p. 77, abr. 2002.
- Visão Coletiva. **Atlas das Juventudes 2021.** São Paulo, 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/11/ATLAS-DAS-JUVENTUDES-2021-COMPLETO.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2025.

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO EM PESQUISA DE CAMPO

FORMULÁRIO Assentamento Menino Jesus
Idade: _____
Estado civil: _____
Gênero: _____
Em relação a sua cor de pele, você se considera:
<input type="checkbox"/> Prefiro não declarar <input type="checkbox"/> Branco <input type="checkbox"/> Pardo <input type="checkbox"/> Negro <input type="checkbox"/> Amarelo <input type="checkbox"/> Vermelho <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Não Respondeu
Estado de origem: _____
Município de origem: _____
Onde mora atualmente: _____
Com quem você mora? _____
Seus pais ou algum outro familiar moram no assentamento? Se sim, quais? _____
Você tem irmãos/irmãs? _____
Você tem filhos(as)? _____
Qual o grau de escolaridade de sua mãe?
<input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto <input type="checkbox"/> Ensino médio completo

- Ensino técnico
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Não sabe
- Não respondeu

Qual o grau de escolaridade de seu pai?

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino técnico
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Não sabe
- Não respondeu

Qual o seu Grau de Escolaridade?

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino técnico ou tecnológico
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Não sabe
- Não respondeu

Atualmente você:

- Estuda
- Trabalha
- Trabalha e estuda
- Não trabalha e não estuda
- Está desempregado(a) e procura emprego
- Está de licença ou incapacitado de estudar ou trabalhar
- Está aposentado(a)
- Não respondeu

No seu trabalho, você:

- É empregado assalariado
- É empregado que ganha por produção (comissão)
- É empregado doméstico mensalista ou diarista
- Trabalha por conta própria, é autônomo

- É estagiário remunerado
 É bolsista
 É dono de negócio, empregador
 Trabalha em negócio familiar sem remuneração
 Presta serviço militar obrigatório, assistencial ou religioso com alguma remuneração
 Não respondeu

Local onde você trabalha e/ou estuda (nome e local):

Qual sua contribuição financeira em seu grupo familiar?

- Não trabalho e recebo apoio da minha família ou outras pessoas
 Trabalho e recebo apoio financeiro parcial da minha família ou de outras pessoas
 Não trabalho de forma remunerada, mas tenho muitos afazeres domésticos
 Trabalho e sou responsável apenas por meu próprio sustento
 Trabalho, sou responsável por meu próprio sustento e contribuo parcialmente para o sustento da família
 Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família
 Não respondeu

Quem contribui com a maior parte da renda familiar?

- Pai
 Mãe
 Você próprio(a)
 Todos contribuem igualmente
 Outras pessoas
 Não respondeu

Qual sua renda familiar mensal?

- Prefiro não declarar
 Menos de 1 salário mínimo (até R\$ 1.412)
 De um a dois salários mínimos (entre R\$ 1.412 e R\$ 2.824)
 De dois a cinco salários mínimos (entre R\$2.824 e R\$7.060)
 De cinco a dez salários mínimos (entre R\$7.060 e R\$14.120)
 Mais de dez salários mínimos
 Não respondeu

Você pratica alguma atividade física, esportiva ou cultural?

- Capoeira, judô, karatê ou outras lutas
 Futebol, vôlei, basquete, natação ou outros esportes
 Atividades artísticas ou culturais (artes cênicas, dança, atividades circenses, música, literatura, artesanato, etc.)
 Não pratico nenhuma atividade
 Não respondeu
 Outros:

Em que ano você chegou ao assentamento?

- 2020 ou depois
 2015-2019
 2010-2014
 Antes de 2010

Há quanto tempo você mora aqui?

- Menos de 1 ano
 1-5 anos
 6-10 anos

- Mais de 10 anos

Você já morou fora do Assentamento Menino Jesus? Se sim, quantas vezes e por quanto tempo?

- Sim, _____
 Não
 Prefiro não responder

Você já morou em outro espaço rural? Qual(is)? Por quanto tempo?

- Sim, _____
 Não
 Prefiro não responder

Você já morou em outro local que não seja um assentamento? Qual(is)?

- Sim, _____
 Não
 Prefiro não responder

Você já morou em uma cidade/espaco urbano/sede de um município mais populoso? Qual(is)?

- Sim, _____
 Não
 Prefiro não dizer

Com que frequência você desenvolve ou já desenvolveu alguma atividade relacionada a TRABALHO no assentamento?

- Todo dia
 Uma vez na semana
 Uma vez a cada 15 dias
 Uma vez no mês
 Uma vez no ano
 Nunca

Com que frequência você realiza ou já realizou atividades relacionadas ao LAZER no assentamento?

- Todo dia
 Uma vez na semana
 Uma vez a cada 15 dias
 Uma vez no mês
 Uma vez no ano
 Nunca

Durante o período que você esteve no assentamento onde você estudou?

- Não estudei
 Estudei em escola ao redor do assentamento
 Estudei em escola na sede do município
 Estudei em escola dentro do assentamento

Você já realizou atividades profissionais fora do assentamento? Em que cidades ou sedes de município?

- Sim, _____
 Não

Quais aspectos você considera positivos sobre viver no assentamento? (Selecione até 3 opções)

- Acesso à terra
 Comunidade unida
 Oportunidades de trabalho
 Menor custo de vida
 Proximidade com a família
 Proximidade com a natureza
 Outros (especifique): _____

Quais aspectos você considera desafiadores sobre viver no assentamento? (Selecione até 3 opções)

- Acesso limitado a serviços de saúde
 Falta de transporte público
 Falta de oportunidades de educação
 Falta de infraestrutura

- Poucas opções de emprego
- Outros (especifique): _____

Como você descreveria sua experiência de vida no assentamento? (De 1 a 5)

- 1 - Péssima
- 2 - Ruim
- 3 - Mais ou menos
- 4 - Boa
- 5 - Ótima

ANEXO 2 - ROTEIRO SEMI ESTRUTURADO DE ENTREVISTAS

Perguntas realizadas para os especialistas	
Jean Ferreira de Souza Júnior - Técnico do Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará	<p>1. Qual é a relação/vínculo entre o Assentamento Menino Jesus e o Idace?</p> <p>2. Qual sua avaliação sobre a permanência e a evasão de jovens de assentamentos rurais?</p> <p>3. Como o Idace tem trabalhado para dialogar com a juventude nos assentamentos rurais? Há políticas ou projetos específicos voltados para esse público?</p> <p>4. Quais são os impactos, na perspectiva do Idace, quando vemos assentamentos rurais sendo esvaziados especialmente pelos mais jovens?</p> <p>5. Qual é a percepção do Idace sobre o movimento dos jovens que deixam o campo em busca de novas oportunidades? Como essa decisão afeta as comunidades rurais?</p> <p>6. Qual o papel da educação nesse contexto? As escolas agrícolas, por exemplo, poderiam ter um papel maior na permanência ou na saída dos jovens dos assentamentos rurais?</p>
Raimundo Cruz (Djalma) - Orientador de projetos e assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra)	<p>1. Qual é a relação/vínculo entre o Assentamento Menino Jesus e o INCRA?</p> <p>2. Qual sua avaliação sobre a permanência e a evasão de jovens de assentamentos rurais?</p> <p>3. Como o INCRA tem trabalhado para dialogar com a juventude nos assentamentos rurais? Há políticas ou projetos específicos voltados para esse público?</p> <p>4. Quais são os impactos, na perspectiva do INCRA, quando vemos assentamentos rurais sendo esvaziados especialmente pelos mais jovens?</p> <p>5. Qual é a percepção do INCRA sobre o movimento dos jovens que deixam o campo em busca de novas oportunidades? Como essa decisão afeta as comunidades rurais?</p>

	<p>6. Qual o papel da educação nesse contexto? As escolas agrícolas, por exemplo, poderiam ter um papel maior na permanência ou na saída dos jovens dos assentamentos rurais?</p> <p>7. E qual o papel das políticas públicas sobre esse contexto de fluxo da juventude em assentamentos rurais?</p>
<p>Profª. Mônica Martins - Doutora em Psicologia Ambiental pela Universidade Federal do Ceará (UFC)</p> <p>ID Lattes: 4057474289308489</p>	<p>1. Qual sua avaliação sobre a permanência e a evasão dos jovem de assentamentos rurais?</p> <p>2. A gente ouviu de um jovem que é filho de assentados, mas que trabalha fora do assentamento, em uma fábrica de sapatos:</p> <p><i>"O assentamento em si, pra quem sabe trabalhar com a terra, não tem outra coisa melhor não. (2:43) Você trabalhando com a terra. (2:44) Só que aqui tem terra pra trabalhar, mas não tem oportunidade de trabalho. (2:49) Então, na adolescência eu pensei muito, rapaz, eu vou trabalhar aqui. (2:52) Meu pai cresceu aqui por... (2:54) Eu cresci aqui. Porque não trabalhar aqui, de onde eu vim? (2:57) Aí, mas, deu certo não".</i></p> <p>Como você interpreta essa fala? O que isso nos diz sobre o vínculo deles com o território, com a família e com o assentamento?</p> <p>3. Como os desejos, sonhos e ambições individuais dos jovens dialogam com as expectativas coletivas da família e da comunidade?</p> <p>4. De que forma o sentimento de pertencimento à comunidade rural pode se relacionar com a decisão de ficar ou sair do assentamento?</p> <p>5. Do ponto de vista psicológico, como pode ser analisada a evasão de um espaço conquistado por meio de luta social (a exemplo do assentamento rural) para buscar sonhos em outro lugar? Isso pode impactar a identidade do jovem e sua saúde mental?</p>
<p>Profª. Dra^a. Vanda Silva - Socióloga</p> <p>ID Lattes: 9920701759600807</p>	<p>1. Quais são os impactos sociais e comunitários quando vemos espaços de conquista popular da terra (a exemplo dos assentamentos rurais) sendo esvaziados?</p> <p>2. Que mudanças sociais, econômicas ou culturais podem ocorrer em uma comunidade quando seus jovens decidem sair do assentamento rural?</p> <p>3. Querer viver no campo necessariamente significa querer trabalhar com a terra? Como você avalia essa relação entre território e trabalho para a juventude?</p> <p>4. Quais desafios os jovens enfrentam ao migrar do campo para a</p>

	<p>cidade, especialmente em relação às condições de trabalho e às possibilidades de ascensão social?</p> <p>5. Como as novas gerações, especialmente aquelas nascidas no final dos anos 1990, costumam perceber hoje a relação com a terra e a ideia de "futuro" ligado à propriedade fixa? Houve mudanças em relação às gerações anteriores?</p> <p>6. De que modo a educação formal pode contribuir para decisão desses jovens rurais sobre permanecer ou sair do assentamento?</p>
--	---

ANEXO 3 - ROTEIRO DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

ÁUDIO	TRANSCRIÇÃO	IMAGEM
ÁUDIO LAIRTON 2 + MÚSICA “COMO NOSSOS PAIS”, VERSÃO DE RENATO EROCH, DE 01” até 19”	(2:33) [...] o assentamento em si, pra quem sabe trabalhar com a terra, não tem outra coisa melhor não. (2:43) Você trabalhando com a terra. (2:44) Só que aqui tem terra pra trabalhar, mas não tem oportunidade de trabalho. (2:49) Então, na adolescência eu pensei muito, rapaz, eu vou trabalhar aqui. (2:52) Meu pai cresceu aqui por... (2:54) Eu cresci aqui. Porque não trabalhar aqui, de onde eu vim? (2:57) Aí, mas, deu certo não.	Lairton falando e olhando para a câmera, foco na entrevista
MÚSICA “COMO NOSSOS PAIS”, VERSÃO DE RENATO EROCH, DE 20” até 52” Até o trecho: <i>Não quero lhe falar Meu grande amor Das coisas que aprendi Nos discos Quero lhe contar como eu vivi E tudo o que aconteceu comigo...</i>	Ir e vir: fluxos e dilemas da juventude do campo no Assentamento Menino Jesus, em Chorozinho (CE)	Imagens chegando no Assentamento Menino Jesus, aparecer a estrada, a chegada na parte central do AMJ
ÁUDIO LAIRTON 1	(0:00) Meu nome é Lairton Santiago Silva, tenho 23 anos e moro no assentamento [Menino Jesus] desde o começo. (0:10) Eu vim pra cá, eu tinha uma barra aqui uns três anos.	Imagen do Lairton na entrevista principal
LETTERING	O Assentamento Federal Menino Jesus possui uma das maiores áreas de cajueiros plantados no Ceará e está localizado a 105 km de Fortaleza.	Imagen do Assentamento Menino Jesus; da faixada, da pista onde fica a

	<p>A terra foi conquistada por 400 famílias após ocupações na BR-116, entre 2003 e 2008.</p> <p>Hoje, os 8 mil hectares, antes pertencentes à Fazenda Marambaia, são geridos pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária, o INCRA.</p>	entrada, do carro em movimento em direção ao Assentamento
ÁUDIO LAIRTON 3	<p>(9:15) Eu acho que, hoje em dia, (9:18) os jovens não querem estar aqui, não.</p> <p>(9:20) Porque, quando eu era mais novo, eu falava. (9:23) Eu falava com os pessoal, né? (9:25) Meus amigos diziam assim, (9:26) mas a primeira oportunidade que eu tiver, eu saio daqui. (9:30) Aí, não acho fácil isso, não.</p> <p>(9:31) Mas tu cresceu aqui. (9:32) Não, mas eu não gosto daqui, não.</p> <p>(9:33) Aqui é chato, não tem nada.</p> <p>(9:35) A gente quer comer, não tem nada. (9:37) Quer sair para um canto, não tem nada.</p>	
LETTERING - PESQUISA	<p>Para a produção deste documentário, foi feita uma pesquisa de campo com 25 jovens do Assentamento Menino Jesus, sendo 19 homens e 6 mulheres.</p> <p>Em dois dias de caminhada pelo assentamento, em novembro de 2024, aplicamos questionário para identificar o perfil sociodemográfico e os motivos que levam os jovens a permanecerem ou deixarem o campo.</p> <p>A pesquisa revelou um problema coletivo: esvaziamento. Os jovens estão migrando do o espaço rural para o urbano.</p>	
ENTREVISTA MÔNICA 1	Quando a gente vai pensar em vínculo (10:03) rural, né, quando a gente vai pensar (10:05) sobre essa questão da	

	<p>relação da pessoa que (10:07) mora na comunidade rural com o seu (10:09) ambiente, a gente tem que levar em consideração três (10:11) coisas. Primeira coisa que a gente precisa (10:13) levar em consideração é justamente essa questão da (10:15) habitação, do lar, da família. (10:17) Em seguida, a gente precisa levar (10:19) em consideração a questão também (10:21) das redes de apoio social que existem (10:23) e (10:25) o terceiro elemento, o trabalho. (10:27)</p>	
ÁUDIO LAIRTON 2	<p>(7:39) Porque eu comecei a trabalhar fora, (7:41) eu tinha 18 anos.</p> <p>(7:43) Aí eu já fui me acostumando mais. (7:45) Passei um ano em Fortaleza trabalhando. (7:47) Vendia não, entregava gás e água.</p> <p>(7:51) Aí eu passei quatro anos lá.</p> <p>(7:52) Trabalhei, trabalhei, trabalhei.</p> <p>(7:54) E eu só vim pra cá em três meses.</p> <p>(7:57) Aí eu já fui pegando [o jeito].</p> <p>(7:58) Aí eu vim pra cá de novo, que não deu certo lá. (8:00) Porque o pai ia fazer uma cirurgia da mão, (8:03) não me lembro...</p> <p>(8:05) Não, ia chegar safra! (8:06) Aí eu tinha que me ajudar ele. (8:07) Aí eu saí de lá pra vir ajudar ele.</p> <p>(8:10) Aí eu saí aqui, (8:11) aí apareceu o emprego no Horizonte.</p> <p>(8:16) Aí eu disse, não. (8:17) Já que apareceu mais perto, eu vou pra lá.</p> <p>(8:20) Porque lá é mais fácil de eu vir.</p> <p>(8:22) Eu viria todo dia. (8:23) Se eu quisesse</p>	Lairton Santiago / Assentado e funcionário de fábrica de sapatos / Entrevistas realizadas em dezembro de 2024 e março de 2025
LETTING	<p>O Assentamento Menino Jesus fica localizado na divisa entre Chorozinho e Cascavel, no Ceará.</p> <p>Próximo a ele, as cidades de Pacajus e Horizonte reúnem um grande polo industrial, com fábricas que precisam de trabalhadores.</p>	

	<p>Lairton, atualmente, trabalha em uma delas.</p> <p>Fábrica de sapatos onde Lairton trabalha desde 2021 Horizonte - CE</p>	
ÁUDIO LAIRTON 2	<p>(3:12) Foi minha mãe, que ela conheceu um rapaz lá fora, que falou pra ela.</p> <p>(3:18) Ele tá tendo uma vaga de emprego. (3:20) Tu quer botar teu filho não? (3:21) Eu, de início, não queria. (3:24) Porque, como era longe, como é que eu ia fazer? (3:27) Porque eu não tinha transporte ainda, na época.</p> <p>(3:29) Aí eu disse, é, mãe, a gente vai, aluga uma casa e vai. (3:34) E se der certo, bem, a gente fica. (3:36) Se não der, a gente sai de lá e procura outro.</p> <p>(3:39) Aí, graças a Deus, deu certo.</p> <p>(3:40) Tô até lá até hoje.</p>	
ÁUDIO LAIRTON 2	<p>(10:11) Eu comecei passando cola com cabedal, (10:15) cabedal é o sapato. (10:17) Aí tem a parte da costura do sapato. (10:21) Da costura, tem a parte de ensacar na forma, (10:25) da forma tem a parte de marcação do sapato (10:29) para a gente passar a cola. (10:31) Dessa marcação, vai para a cola, (10:33) aí da cola, tem a parte de... (10:35) depois da cola que você passa pela cola, (10:37) é duas mãos de cola, (10:38) o sapato tem que ter. (10:39) Aí tem a cola na sola, (10:42) da cola na sola, passa para o... (10:44) Meu nome? (10:46) Para o posicionamento, (10:47) tem que posicionar a sola no cabedal, (10:50) aí já forma o sapato. (10:52) Daí tem que prensar o sapato (10:55) para não sair de jeito nenhum. (10:57) De prensar, tem que botar na geladeira, (11:00) é uma geladeirazinha que vai, (11:03) uma esteirazinha que vai, geladeirazinha. (11:05) Chegando lá, tem que</p>	Imagens do Lairton trabalhando na fábrica; as imagens, que serão gravadas por ele, estarão em um mockup de celular, para ilustrar que não foram imagens gravadas por mim, mas por ele mesmo

	<p>desenformar, (11:08) botar num carrinho, (11:09) não botar num carrinho não, (11:10) botar num carrosselzinho, (11:11) carrossel é um bichinho que roda, (11:14) palminha pegar, botar na linha, (11:17) botar as palmilhas, (11:18) das palmilhas tem que botar as buchas. (11:22) O que é a bucha? (11:23) É um monte de papel dentro do sapato (11:26) para não amassar. (11:28) Daí tem que passar pelo amarrado, (11:33) que tem que botar as calças todas direitinho, (11:36) aí daí, (11:37) aí tem que botar o rótulo do sapato, (11:41) desse rótulo, (11:42) aí tá quase no final, (11:44) aí tem que ter a checklist. (11:46) O que é que a checklist faz? (11:48) Pega os dois sapatos, (11:50) vê se tem algum defeito, (11:51) se tiver algum defeito, (11:53) eles descem o sapato, (11:54) pro conserteiro fazer, (11:56) e ajeitar, né, no caso, (11:58) aí daí, aí se bora. (12:00) E você fica em qual parte? (12:02) Eu comecei na cola, (12:04) mas hoje eu sou conserteiro, (12:05) tudo que cai na linha, (12:07) eu tenho que consertar.</p>	
ÁUDIO LAIRTON 2	<p>(15:50) Pronto, eu acho que, não, (15:53) a relação de cada funcionário, (15:55) eu não sei quanto é que faz, mas, (15:57) tem 10 linhas, (15:59) 10 linhas, (16:00) nossa linha, nós temos a obrigação de fazer (16:02) 4.070 pares de sapato, (16:05) para no final do dia ter (16:06) 57.000 pares e uns quebrados, (16:08) que eu não me lembro agora, (16:10) e cada linha faz 4.070, (16:13) aí tem linha que tem pouca gente, (16:15) ela faz 3.500, (16:16) 2.500, (16:18) mas no final do dia tem que ter (16:19) 57.000 pares de sapato. (16:22) E a fábrica funciona 24 horas? (16:24) 24 horas, primeiro, (16:25) segundo e terceiro turno, (16:27) só onde eu trabalho, só tem o primeiro e o segundo turno,</p>	

	(16:29) porque é turnão, (16:31) os outros setores que é turninho, (16:33) aí trabalha o primeiro, o segundo e o terceiro.	
LETRRING - PESQUISA	<p>Dos 25 entrevistados, 84% consideram que as poucas opções de emprego são um dos três principais fatores que influenciam a decisão de sair do Assentamento.</p> <p>Os outros dois principais fatores são: acesso limitado a serviços de saúde (72%) e falta de infraestrutura (8%).</p>	
ÁUDIO LAIRTON 2	<p>15:04) Porque eu sei, eu trabalho o mês todinho, (15:08) mas eu sei que no final do mês (15:10) eu vou ter aquele dinheiro certo. (15:12) Eu não vou passar tanta necessidade, (15:13) tipo assim, um exemplo, né, (15:15) eu sou desempregado, (15:17) aí eu não sei o dia de amanhã, (15:19) eu não sei o que eu vou receber amanhã, (15:20) eu não sei se eu vou poder trabalhar amanhã. (15:23) Lá não, se eu tiver doente, eu boto atestado, (15:25) não, tá doente, (15:26) eu vou ganhar o mesmo dinheiro, (15:28) não tem problema, (15:29) só não vou ganhar se eu faltar, (15:31) aqui não, no assentamento não, (15:33) eu vou ter que realmente trabalhar, (15:35) não tem dia de atestado, não. (15:37) Aí é bom por causa disso, (15:39) porque eu sei que eu vou ter o dinheiro, (15:40) se eu for trabalhar todo dia, (15:41) eu vou ter aquele dinheiro todo dia.</p>	
LETRRING - PESQUISA	<p>Em contrapartida, os três principais fatores que mantém os jovens e seu vínculo com o Assentamento são:</p> <p>Proximidade com a família, com a natureza e o acesso à terra.</p>	
ENTREVISTA VANDA	(4:15) Então, de ir e vir, muitos deles vão ficar durante um longo tempo da	

	<p>sua vida no ir e vir. (4:24) Não vai romper com a unidade familiar, não vai romper com o seu lugar de origem, mas também quer ter outras condições de vida ou tentar outras condições de vida. (4:38) Essa é a questão, tentar outras condições de vida. Por quê? (4:42) Muitas vezes as unidades, sejam em áreas de assentamento, sejam áreas de sitiantes, pequenos produtores, agrícolas, (4:54) não estão em boas condições de vida ou condições satisfatórias, como eles gostariam de estar, para ter uma vida com mais dignidade. (5:02) Então, os fatores econômicos também influenciam muito. (5:06) E depois, a formação. Muitos vão tentar formações fora, e isso também abre os horizontes. (5:16) Educação amplia os horizontes para ter outras experiências ou criar outras formas de vida.</p>	
ENTREVISTA MÔNICA 1	<p>Então, (12:35) o vínculo dele com esse ambiente, (12:37) o vínculo dele com o (12:39) assentamento é positivo. (12:42) Porém, (12:43) como ele quer ter uma perspectiva (12:45) de avanço (12:47) econômico e ter toda (12:49) essa questão, né, de que a cidade é o lugar (12:51) do futuro, a cidade é onde você vai conseguir (12:53) se desenvolver, (12:55) fica também, também a dificuldade de (12:57) acesso, por exemplo, ah, se o Laí quiser fazer (12:58) uma faculdade, ele vai ter que sair (13:01) da comunidade rural pra ir pra (13:03) cidade. Tem toda a questão também de dificuldade (13:05) de conseguir transporte.</p> <p>[...]</p>	
ÁUDIO LAIRTON 2	<p>(0:49) Mas eu aproveitei muito minha infância aqui dentro. (0:51) A adolescência também foi tranquila. (0:54) Tranquila, né? (0:55) Jogava bola com os meninos, chegava do colégio, cinco horas da tarde, corria</p>	Imagens de crianças brincando

	<p>pra quadra, corria pro campo. (1:02)</p> <p>Aproveitava, brincava de noite lá na praça.</p> <p>(1:51) Eu só vivia aqui dentro, não saia pra canto nenhum.</p> <p>(1:54) Aí, como eu fui estudar lá fora, eu comecei a conhecer o pessoal, como é que pedia, o que tinha que fazer, entendeu?</p>	
ENTREVISTA MÔNICA 1	<p>(25:24) Quando esse jovem vai (25:25) crescendo e vai indo para a (25:27) escola, começa a ter contato (25:30) com esses conteúdos. Olha, você precisa (25:32) ter sucesso, você precisa (25:34) estar lá na frente, a gente tem uma lógica (25:36) muito de competitividade nas escolas, (25:38) fulaninho que tira nota 10 está aqui, (25:40) ciclaninho que tira um 7 ou 8 (25:42) fica mais para baixo e se (25:44) beltraninho tira (25:45) abaixo da média, aí é que ele vai (25:48) sofrer ainda mais pressão. (25:50) A gente tem essa questão de que eu preciso ser competitivo (25:52) e para eu ser competitivo (25:54) eu preciso ter, né, (25:56) um bom emprego, eu preciso (25:58) ter uma boa perspectiva de (26:00) projeção econômica no futuro para (26:02) poder me manter. Então, o que é que acontece? (26:04) É uma terra conquistada? Sim. (26:06) Eu tenho vínculo com essa terra? (26:09) Também. Porém, (26:10) como eu tenho essa necessidade (26:12) de projetar a minha carreira (26:14) profissional, eu vejo na cidade (26:16) a única forma, como você mesmo falou na (26:18) fala dele, olha, porque lá na empresa, (26:20) né, porque lá na fábrica tem mais (26:22) possibilidades, porque aqui no sítio não (26:24) tem possibilidades. Então, (26:26) o que eu vejo no quadro geral,</p>	Entrevista Mônica 1 + Imagens de apoio de crianças

	<p>(26:28) né, a gente discutindo aqui, é (26:30) justamente que eu posso ter (26:32) o vínculo afetivo fragilizado (26:34) com esse meu ambiente, por mais que eu tenha muito (26:36) carinho, muito amor, mas eu preciso (26:38) me migrar por conta das (26:41) condicionalidades socioeconômicas.</p> <p>[...]</p> <p>Você ter sucesso é você ter um emprego (23:02) que pague muito bem, (23:04) uma grande (23:06) casa, então outras (23:07) questões fora isso, não são contempladas (23:10) nessas ações de sucesso, então esse jovem se (23:12) sente pressionado, olha, eu preciso (23:14) trabalhar na cidade pra poder eu ter (23:16) uma condição de vida melhor, pra eu poder (23:18) inclusive ajudar meus pais lá no campo, (23:20) pra eu poder, então existe (23:22) essa, uma coisa que vai (23:24) influenciar muito o vínculo desse jovem (23:26) com o ambiente, vai ser as (23:27) condições socioeconômicas, a questão (23:29) da condicionalidade socioeconômica e (23:31) essa cultura, né, que ainda é (23:34) muito urbano-acentrada, é muito (23:35) voltado pra o contexto do urbano, (23:37) né, o urbano como aquele lugar protagonista,</p>	
ENTREVISTA VANDA	<p>(8:02) O sentimento contraditório entre o desejo de manter aquela vida prazerosa, calma, (8:13) ou mais serena, em contato com a natureza, com os animais, (8:18) tudo aquilo que ele produz ou pode produzir e criar daquela terra, (8:22) e a outra possibilidade de ter realmente ganhos melhores. (8:26) Mas esses ganhos melhores, financeiramente falando, não acontece. (8:30) Não acontece rápido, especialmente, por quê? (8:33)</p>	

	Porque uma grande parcela da população jovem do Brasil, e talvez da América Latina, (8:40) seja muito ainda pouco formada, ou tem uma escolarização um pouco maior, (8:47) ou avance para o segundo, do ensino médio para adiante.	
ENTREVISTA JEAN IDACE	(15:03) É aquela velha história, vamos dizer assim, (15:05) eu sou filho de assentado, mais uma vez, (15:07) tenho 26 anos, (15:08) vejo que meus pais têm 16 hectares de terra, (15:11) vejo a minha mãe cansada, (15:13) o meu pai cansado, eu lá vou querer estudar? (15:15) Eu vou ter que arrumar um trabalho, (15:17) porque eu estou vendo que lá em casa (15:18) eu estou passando dificuldades, (15:20) eu não quero ir para o sol, (15:21) então, assim, eu estou já no 9º ano, (15:24) vou já para o ensino médio, então, (15:25) para não ver as dificuldades, (15:26) eu não vou nem querer terminar o ensino médio regular, (15:29) eu vou querer ir atrás de um pão de cada dia (15:31) para me ter uma substância melhor. (15:33) Claro que a gente tem que incentivar, (15:35) rapaz, termine o seu ensino médio, (15:37) estudo, mas também tem aquela (15:39) dificuldade do dia a dia.	
ÁUDIO LAIRTON 3	(3:04) Porque lá tem mais oportunidades, tipo assim. (3:07) Um exemplo. (3:08) Eu posso trabalhar de 5 da manhã até umas 2 e meia da tarde, 3 horas. (3:13) E de noite eu fazer um pico de entregador, aí eu vou ganhar um pouquinho mais. (3:18) Aí já ajuda.	Imagens da fábrica onde o Lairton trabalha, da faixada, depois dele em um ambiente/cena mais movimentada Então, o foco nele na entrevista principal
LETRRING - PESQUISA	Dos 25 jovens entrevistados, 36% trabalham, atuando de forma	

	<p>autônoma, em negócio familiar ou com vínculo empregatício</p> <p>Além disso, 64% pretendem sair do Assentamento em busca de melhores oportunidades de trabalho, estudo e carreira.</p>	
ENTREVISTA VANDA	<p>(3:19) [...] E há, sim, por serem jovens, toda uma curiosidade, um desejo de conhecer novos horizontes, o desejo de sair, o desejo, inclusive, de ter outras experiências que não somente essa do universo rural, do campo, seja no trabalho, na manutenção da terra, na lavoura, no plantio, colheita, etc. (3:47) Ou seja, também como alguém que poderia ter vontade de ser um administrador daquela terra, alguém que gere, que promove algo, algum tipo de empreendimento.</p> <p>[....]</p> <p>(20:35) ou que talvez não deveria ser por aí (20:38) também esse encaminhamento (20:40) do jovem ser quase que constrangido (20:45) até o desejo, (20:47) ter o desejo de ser mão de obra, (20:49) entendeu? (20:51) Não é por aí.</p> <p>(20:53) Eu acho que isso não funciona (20:55) em lugar nenhum do mundo.</p> <p>(20:58) É uma ideia muito complicada (21:02) para não usar nenhum tipo (21:04) de outro jargão (21:07) que dê margem para moralizações, (21:09) para um pensamento moralizante.</p> <p>(21:12) Não é isso que eu quero, (21:13) não gostaria que isso ficasse presente, (21:16) porque muitas vezes (21:17) passa por esse lugar (21:18) de uma certa obrigação (21:22) com caráter muito moralizante (21:25) do meu ponto de vista.</p> <p>[...]</p>	

	<p>Quem é que vai querer continuar na terra? (17:26) De uma geração para outra. (17:29) E tanto das políticas públicas brasileiras (17:33) ou na América Latina, (17:36) eu penso que isso ainda é uma questão (17:39) que não está sendo trabalhada, (17:42) do ponto de vista político mesmo.</p> <p>(17:46) Seja por todos os que estão lutando, (17:50) o próprio movimento MST, (17:52) a quem eu sempre faço toda uma reverência, (17:56) acho que é uma grande liderança, (18:00) é um grande exemplo ainda de movimento social (18:05) no Brasil e na América Latina, ponto. (18:10) Mas a questão dessa desarticulação (18:13) que vai sendo gerada no âmbito familiar (18:16) não tem sido trabalhada.</p> <p>(18:20) E isso é um fator de desarticulação familiar.</p>	
ÁUDIO MUNDA 1	<p>(1:53) Eu digo até que na época a gente tinha muita dificuldade, (1:56) mas a gente tinha algo bom, que era aquela união. (2:02) Por quê? (2:02) Porque naquela época, na época que nós entramos aqui, (2:05) nós só tínhamos um objetivo. (2:07) A terra. (2:09) Que era de todos, né? (2:10) Era um objetivo que era de todos. (2:12) Hoje não. (2:13) Cada um tem o seu canto, cada um tem a sua casa, (2:16) cada um tem o seu terreno, cada um tem a sua terra para plantar.</p> <p>(2:19) Então, cada um tem aquela preocupação, (2:22) não tem mais aquele tempo de sentar um pouco, (2:24) conversar com o companheiro, né? (2:26) Porque naquela época a gente vivia nas barracas, (2:28) não tinha mesmo o que fazer, né? (2:30) E era só ir para as batalhas, né?</p>	Imagens de apoio da Munda fazendo outras atividades e também do assentamento em alguns momentos mais “vazios”, sem ninguém em cena
ENTREVISTA JEAN IDACE	<p>(10:57) como a gente sabe no nosso dia a dia, (11:01) tem assentado que não (11:02) participa de reunião de associação, (11:04) tem assentado que</p>	

	<p>não está nem (11:06) aí, tem assentado que quer vender (11:07) o seu lote de terra, tem assentado (11:10) ele nessas condições, trabalha (11:12) fora, só vai para dormir, (11:13) está entendendo como se fosse uma (11:16) casa de varanejo, (11:18) então assim, tem vários (11:19) problemas e vê aquele povo relapso. (11:22) Então, se todos os (11:24) agricultores realmente tivessem (11:25) esse perfil e trabalhassem na agricultura (11:28) e realmente tivessem (11:29) essas condições de implementar os seus (11:31) projetos, trabalhassem, (11:33) era outra saída,</p>	
ÁUDIO PAI DO LAIRTON	<p>(0:16) Hoje não é que nós somos desunidos, (0:18) ninguém vive discutindo, (0:20) mas o que eu acho que nós não somos tão unidos (0:23) é que vivemos juntos, (0:25) conversando na casa do vizinho. (0:28) Eu não sei o que faz na casa do vizinho, (0:29) o vizinho não sabe o que faz na minha casa. (0:32) E naquele tempo que nós estávamos lá fora, (0:33) lá era todo mundo junto mesmo. (0:35) Se um soubesse, se tivesse um problema, eu estava ali.</p>	Imagen da entrevista principal com o pai do Lairton
ENTREVISTA DJALMA 1	<p>(17:50) Porque hoje, o comunitário, (17:52) o que é coletivo, (17:54) é muito pouco respeitado, (17:58) pouco fortalecido, (17:59) e a individualização, ela se consolida (18:02) cada vez mais nesses assentamentos. (18:05) Apesar da história de união, (18:08) comunitário, coletivo, (18:10) ser uma constante nas discussões, (18:13) mas na prática, infelizmente, (18:15) as organizações sociais não conseguem mais (18:18) mobilizar, pelo menos 70% dessas famílias (18:21) não querem mais participar do coletivo, (18:23) não querem mais participar da associação, (18:26) e querem hoje ter sua parcela individualizada. (18:30)</p>	

	<p>Essa é uma realidade que nós não podemos fugir.</p>	
ÁUDIO PAI DO LAIRTON	<p>(9:08) Mas a gente vê o seguinte: (9:11) a agricultura, todos os anos (9:13) ela vem, (9:16) porque eu gosto da agricultura, (9:18) mas eu não sou tão (9:19) agricultor que meu pai foi, (9:22) né? Eu não sei se (9:23) os meus filhos (9:25) vão querer ter a mesma vontade de ficar (9:27) numa agricultura que nem eu, né? [...]</p>	
ENTREVISTA VANDA	<p>(22:09) E isso é um problema, (22:11) vai ser um problema, (22:12) provavelmente já é um problema. (22:14) O que vai ser? (22:15) Provavelmente já é um problema. (22:18) Um problema para quem? (22:20) Para as políticas públicas, (22:21) os fomentadores, (22:22) no caso, o INCRA, (22:24) o próprio INCRA. (22:25) Por quê? (22:26) Isso vai mexer em questões legais. (22:31) Vai mexer nessa... (22:33) Como é que você vende? (22:35) Nessa especulação para a venda. (22:39) Pode acontecer isso (22:41) e provavelmente já está acontecendo. (22:43) E fruto disso, muitas vezes, (22:45) que as maledicências das fake news (22:48) se alimentam disso (22:50) para dizer ou para desqualificar (22:53) os movimentos aí (22:55) de pessoas assentadas. (22:58) Que é essa grande luta (23:01) e reivindicação de reforma agrária, (23:06) no conjunto, (23:07) mas que leva para questões particulares (23:10) que, do meu ponto de vista, (23:12) pode e já deve estar passando por aí. (23:15) Também de desacreditar (23:18) a capacidade ou a vontade (23:21) ou a integridade (23:23) das pessoas trabalhadoras da terra (23:26) que têm isso como a sua existência, (23:33) a sua forma de existir (23:35) neste mundo.</p>	

ENTREVISTA DJALMA 1	(14:08) Nós temos esse diagnóstico, a gente sabe que isso é um grande problema, (14:13) porque a tendência, se não for feito nada de forma efetiva, (14:18) com a política mais consistente e permanente, (14:21) é de que daqui a alguns poucos anos os assentamentos estejam esvaziados, (14:25) que a população vai envelhecendo, (14:27) se a juventude não tiver nenhum significado, (14:29) o que vai acontecer é uma contrarreforma. (14:31) Não sei se esse termo é muito moderno, mas eu vou utilizar. (14:35) Ou seja, aquilo que vai sendo abandonado (14:36) tende a voltar para centralizar na mão de poucos. (14:39) É exatamente o contrário do objetivo da reforma agrária, (14:42) você descentralizar por conta de condições (14:46) que não foram dadas de forma, no tempo certo e na forma adequada, (14:50) que isso volta à situação anterior. (14:53) Isso é uma grande preocupação. (14:54) Aí a gente, às vezes, fica impotente, (14:56) muito sabendo dessa realidade,	
ENTREVISTA JEAN IDACE	(11:39) a gente sabe muito bem que na gestão (11:41) passado, naquele desgoverno, (11:43) a reforma agrária quase não aconteceu, (11:45) então ficou muita gente desacreditada, (11:47) desacreditada, teve gente que (11:49) teve que trabalhar, porque se for para esperar (11:51) por crédito, o projeto não (11:53) saía, então assim, agora (11:55) graças a Deus que essa nova gestão do governo (11:57) federal, muita coisa está acontecendo, (11:59) os créditos estão voltando, (12:01) a questão de renda, e os (12:03) estados e municípios estão desenvolvendo (12:05) a questão da agricultura, as suas pastas.	

ENTREVISTA DJLAMA 1	<p>(25:50) (25:54) em 2010 a 2013, (25:57) naquela época, (25:59) tem pouco mais de 10 anos, (26:01) o nosso orçamento a nível nacional (26:03) era mais de 4 bilhões, (26:05) de reais, (26:06) e o nosso número de pessoas (26:08) era triplo do que nós temos hoje, (26:11) e o número de assentamentos (26:12) eram muito menores, (26:14) e a gente conseguia fazer um trabalho, (26:16) digamos assim, (26:16) não da perfeição, (26:18) nem do que a gente queria, (26:19) mas muito próximo (26:20) do mínimo necessário. (26:23) Hoje a gente não tem mais (26:25) o número de servidores, (26:26) nós não temos, (26:27) o nosso orçamento no ano passado, (26:30) ele caiu, se eu não me engano, (26:32) foi menos de 800 milhões, (26:34) se tem ideia, para o Brasil. (26:36) Então isso tudo impacta também (26:38) na nossa presença, (26:40) numa política mais permanente, (26:42) mais efetiva, (26:43) isso também impacta demais.</p>	
ÁUDIO ENTREVISTA LAIRTON 2	<p>[...]</p> <p>O meu sonho, o meu sonho mesmo sempre foi comprar um sítiozinho. (3:30) No meio do mato. (3:31) Eu gosto de mato, eu não gosto de zuada não.</p> <p>(08:56) Além de ser tranquilo, aqui eu não tenho tanta pressão como eu tenho lá fora.</p> <p>Entendeu? Aqui é tipo assim, ó. Tem coisa pra tu fazer lá. Mas eu sei que quando eu terminar de fazer, eu vou descansar. Pode descansar. Não tem tanta pressão. Porque lá fora eu faço uma coisa, faço outra e não paro.</p>	
ENTREVISTA MÔNICA 1	<p>[...] (18:30) o que que acontece às vezes? Esse jovem que vai (18:31) pra cidade, trabalha na cidade, quando tá</p>	

	<p>lá (18:33) com 40, 50 anos, (18:36) acontece um processo chamado migração de retorno. (18:39) Quero voltar pro campo. (18:40) Agora que eu me estabilizei, que eu tenho (18:42) uma condição econômica, vou (18:43) voltar pro campo.</p>	
ÁUDIO LAIRTON 3	<p>(5:32) Porque você é adolescente, você está conhecendo coisas novas (5:35) e tudo que a escola repassar para você, você vai pegar um pouquinho daquilo. [...]</p> <p>(5:51) Que é, já escutei demais: (5:53) você prefere sentir o peso da caneta ou o peso da enxada? (5:57) Ah, isso é o peso da caneta, né? [...]</p>	
ENTREVISTA VANDA	<p>(25:08) Eu acho que a educação (25:10) ainda é um elemento, (25:12) mas não é só educação escolar não, (25:14) tá, Maria? (25:16) Não é só educação escolar. (25:18) É muito maior. (25:22) E é também uma educação do olhar (25:24) que os não rurais (25:26) ou as pessoas que não são agricultores (25:29) ou pequenos agricultores (25:31) têm a respeito (25:32) dos produtores rurais, (25:36) dos pequenos produtores rurais (25:37) ou dos espaços rurais. (25:42) Tudo aquilo que ainda não é visto (25:45) como algo que gere (25:46) grandes riquezas (25:48) não tem um valor, (25:53) não tem um sentimento de admiração. (25:56) Então, (25:57) falta e precisa (25:58) mudar o enfoque (26:00) que nós temos a respeito (26:03) dessa relação com os espaços rurais (26:05) e com as produções (26:07) que saem desse mundo (26:09) do pequeno. (26:10) O pequeno produtor, (26:14) a família (26:15) dos pequenos agricultores, (26:17) os filhos das famílias (26:19) dos pequenos agricultores. (26:22) Enquanto nós continuarmos (26:24)</p>	

	<p>no esquema, (26:25) inclusive para o mundo (26:27) do rural, (26:30) como um grande negócio (26:32) e só como (26:33) produtor de commodities, (26:36) a gente não vai (26:38) mudar, (26:39) nós vamos estar daqui a 100 anos, (26:42) se a gente viver até lá, (26:43) falando dessas mesmas questões.</p>	
ÁUDIO LAIRTON 3	<p>Eu não tô gostando muito não [do assentamento] (3:49) Porque eu venho, aí os pessoal que eram meus amigos já estão todos grandes, tudo saiu já. (3:58) Aí eu fico sozinho aqui, estou em casa mesmo. (4:00) Muito difícil eu vou para a rua. (4:03) Não estou gostando muito, não. (4:04) Por causa das companhias que eu tinha e eu não tenho mais. [...]</p> <p>(6:37) Vou para o campo, não tem mais racha no campo. [...] (6:42) Caraca, cadê a galera? (6:43) Não sei. (6:45) Também queria saber.</p>	Imagens de apoio
MÚSICA “COMO NOSSOS PAIS”, VERSÃO DE RENATO EROCH	NO FINAL DA MÚSICA, IR ADICIONANDO OS CRÉDITOS FINAIS DO TRABALHO	Imagens de apoio